



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

MÁRCIA DOS SANTOS MOREIRA

**AFETIVIDADE, APRENDIZAGEM E ENSINO:
Olhares de professores e alunos de uma escola pública de ensino
fundamental, Itaituba-PA**

ITAITUBA/PA

2018

MÁRCIA DOS SANTOS MOREIRA

**AFETIVIDADE, APRENDIZAGEM E ENSINO:
Olhares de professores e alunos de uma escola pública de ensino
fundamental, Itaituba-PA**

Monografia de Graduação do Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia apresentada à Faculdade de
Itaituba para obtenção do título de Licenciada Plena
em Pedagogia.

Orientadora:

Prof^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Me.

ITAITUBA/PA

2018

MOREIRA, Márcia dos Santos.

AFETIVIDADE, APRENDIZAGEM E ENSINO: Olhares de professores e alunos de uma escola pública de ensino fundamental, Itaituba/PA / Márcia dos Santos Moreira - Itaituba: CLPP da FAI, 2018.

87 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2018.

Orientadora: Prof^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Me.

1. AFETIVIDADE, APRENDIZAGEM E ENSINO: Olhares de professores e alunos de uma escola pública de ensino fundamental, Itaituba/PA.

MÁRCIA DOS SANTOS MOREIRA

**AFETIVIDADE, APRENDIZAGEM E ENSINO:
Olhares de professores e alunos de uma escola pública de ensino
fundamental, Itaituba-PA**

Monografia de Graduação apresentada ao
Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Itaituba,
para obtenção do título de Licenciada Plena em
Pedagogia, sob a orientação da Prof^a Mestra Elina
Renilde de Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Prof^o Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva

Orientadora: _____ Nota: _____

Prof^a Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro

Avaliadora: _____ Nota: _____

Prof^a Esp. Antonia Vanda dos Santos Leite

Resultado: _____ Média: _____

Data: 17 de Fevereiro de 2017.

Para minha família, em especial à minha mãe Eliene Magna,
meus irmãos Marcelo Moreira, Mayra Beatriz, Evelin Victória e
meu namorado Marcos Cardoso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades encontradas ao longo deste percurso.

A minha mãe, Eliene Magna, que sempre me apoiou nas horas mais difíceis da minha vida e me incentivou a estudar e superar os desafios da vida.

Ao meu namorado Marcos Cardoso, sempre companheiro, que esteve ao meu lado, que soube me entender nos momentos mais difíceis e apoiar minhas decisões.

Aos meus irmãos Marcelo, Mayra e Evelin que sempre estiveram ao meu lado me apoiando para que pudéssemos comemorar esse momento importante em minha vida.

Ao meu padrasto José Marinho, que durante minha vida exerceu uma figura de pai, sempre me incentivando.

As minhas queridas amigas Elissandra Lima e Luana Raquel pelo companheirismo, pelo amor e apoio nas nossas jornadas de trabalhos e seminários incansáveis nos finais de semana.

A professora Francisca Josefa Diniz, por ceder o espaço de sua casa para a realização dos trabalhos acadêmicos, além de nos ajudar em momentos de dúvidas, pelo incentivo e esforço de nos manter firme e forte nesta caminhada.

Ao meu patrão Sr. Takeshi Tsukamoto, que por inúmeras vezes compreendeu minha ausência no trabalho, e ainda por ter disponibilizado o espaço e recursos para minhas pesquisas e impressões de trabalhos, facilitando meu processo de formação.

À Marinalva Melo das Neves, diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Tomé, onde realizei meus estágios e fui muito bem recebida, agradeço pelo conhecimento de prática adquirido durante todo o período em que permaneci na instituição, onde me ajudou a crescer profissionalmente, revelando os desafios da profissão.

A professora mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, que de maneira excepcional orientou-me durante a elaboração desse trabalho.

Aos colaboradores dessa pesquisa, em especial aos professores, alunos e gestores da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Francisco das Chagas.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada!

"Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto" (Paulo Freire).

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso teve por objetivo analisar a afetividade como instrumento facilitador do processo ensino-aprendizagem a partir das concepções de professores e alunos de 6º a 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Itaituba-PA, visto que as relações afetivas vêm sendo postas de lado, e que poucas vezes fazem parte do cotidiano escolar. É um estudo de natureza bibliográfica e de cunho qualitativo, que evidencia a visão dos professores a respeito da afetividade, a qual deve ser calcada no sentimento de confiança e respeito, uma vez que o professor e a escola exercem um papel crucial no desenvolvimento das habilidades emocionais dos alunos principalmente quando o ambiente se mostra acolhedor, tanto no espaço físico quanto as pessoas que os envolvem. Foram ouvidos sete professores e setenta e oito alunos da Escola Municipal São Francisco das Chagas. Este estudo concluiu que são inúmeros os desafios enfrentados na construção de um laço afetivo entre professor-aluno, dentre os quais listam-se, o estresse, mal humor, a impaciência, a falta de metodologia, a indisciplina, a bagunça em sala. Apesar dos fatos acima mencionados, os alunos da pesquisa percebem um ambiente afetivo no cotidiano escolar quando sentem que seus professores se preocupam com seu bem-estar, admirando a dedicação, a inteligência e o esforço para lecionar, tendo em vista as condições do sistema educacional. Foi possível notar que os professores acreditam que a afetividade é um valioso instrumento do processo de ensino-aprendizagem, pois ao estabelecer um vínculo emocional entre quem ensina e quem aprende, constituem um sentimento de confiança e respeito e isto auxilia na trajetória educacional. A afetividade como ferramenta promotora do processo de ensino-aprendizagem segundo a visão dos professores, é reflexo de atitudes de reciprocidade, onde o professor dedica-se em ministrar boa aula e motiva o aluno em realizar suas atividades.

Palavras-chaves: Afetividade, Aprendizagem, Ensino, Relação professor-aluno.

ABSTRACT

The purpose of this study was to analyze affectivity as a facilitator of the teaching-learning process, based on the conceptions of teachers and students from the 6th to 9th grade of a public school in the city of Itaituba-PA, affective relationships have been put aside, and that few times are part of school everyday. It is a bibliographical and qualitative study, which shows that the teachers' view of affectivity, which should be based on the feeling of trust and respect, since the teacher and the school play a crucial role in the development of the students' emotional skills especially when the environment is welcoming, both in physical space and the people who involve them. Seven teachers and seventy-eight students from the São Francisco das Chagas Municipal School were heard. This study concluded that there are numerous challenges in the construction of an affective bond between teacher-student, among which are listed, stress, moodiness, impatience, lack of methodology, indiscipline, room mess. Despite the aforementioned facts, the students of the research perceive an affective environment in the school routine when they feel that their teachers care about their well-being, admiring the dedication, the intelligence and the effort to teach, considering the conditions of the educational system . It was possible to note that teachers believe that affectivity is a valuable instrument of the teaching-learning process, because in establishing an emotional bond between those who teach and those who learn, they constitute a feeling of trust and respect and this helps in the educational trajectory. The affectivity as a promoter of the teaching-learning process according to the teachers' vision is a reflection of reciprocity attitudes, where the teacher dedicates himself to ministering good class and motivates the student to carry out his activities.

Key Words: Affectivity, Learning, Teaching, Teacher-student relationship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O AFETO NAS CONCEPÇÕES TEÓRICAS	12
1.1 CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS SOBRE AFETIVIDADE	12
1.2 O AFETO E AS EMOÇÕES À LUZ DAS TEORIAS.....	17
1.3 A FAMÍLIA E AS RELAÇÕES AFETIVAS.....	29
2 A CONSTRUÇÃO DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	38
2.1 A ESCOLA COMO AMBIENTE AFETIVO	38
2.2 A AFETIVIDADE NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	45
2.3 O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO AFETIVO DO ALUNO	52
3 AFETIVIDADE, APRENDIZAGEM E ENSINO: OLHARES DE PROFESSORES E ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL, ITAITUBA-PA.....	58
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	58
3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA DE ESTUDO	58
3.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	60
3.4 OLHARES DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE AS RELAÇÕES AFETIVAS NA ESCOLA.....	61
3.4.1 Olhares dos professores	61
3.4.2 Olhares dos alunos	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
BIBLIOGRAFIA	81
APÊNDICES	84

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Frente da Escola	59
Gráfico 1. Tempo de docência dos professores	60
Gráfico 2. Faixa etária dos alunos	61
Quadro 1. A falta de afetividade e a ausência de valores.....	62
Quadro 2. Estratégias de motivação para o estudo.....	63
Gráfico 3. Como a escola pode auxiliar no desenvolvimento afetivo do aluno?.....	65
Quadro 3. Características de um ambiente escolar afetivo.....	66
Quadro 4. Maneiras de demonstrar a afetividade aos alunos.....	67
Gráfico 4. Como você classificaria sua relação com seus alunos?	68
Gráfico 5. Você acredita que um ambiente escolar afetivo influencia em sua aprendizagem?	69
Gráfico 6. Como você classifica o relacionamento com seus professores?	70
Gráfico 7. Seus professores se mostram atenciosos e bem-humorados no decorrer das aulas?	71
Gráfico 8. Você procura fazer todas as atividades a fim de agradar seus professores?	72
Gráfico 9. Seu professor valoriza as suas atividades através de elogios?	73
Gráfico 10. Você trata dos seus assuntos pessoais com seus professores?	74
Gráfico 11. O que você mais admira em seus professores?	75
Gráfico 12. O que você não gosta em seus professores?	76

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea pode-se perceber que as relações afetivas vêm sendo postas de lado, e que poucas vezes fazem parte do cotidiano escolar. Não é difícil se deparar com problemas de indisciplina ou atitudes agressivas em sala de aula e alunos que tem dificuldade para se concentrar e aprender, mas muitos destes alunos trazem consigo um histórico familiar difícil. Os pais, em muitos casos não têm tempo e vontade de transmitir para os jovens a importância das relações humanas, do afeto e do amor.

No decorrer de sua vida, o indivíduo passa muito mais tempo na convivência e cuidados de professores nas escolas do que dos próprios familiares. Consequentemente, hoje em dia o papel do professor transcende a sala de aula, ou seja, ultrapassa os muros da escola, pois muitas vezes os educandos ao saírem de suas casas para a escola necessitam de um ambiente acolhedor e propício para seu desenvolvimento, e o professor, deve ser o facilitador deste processo de adaptação.

São inúmeros os problemas que atingem desenvolvimento e aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental, os quais muitos envolvem a falta de afeto na relação professor-aluno, o que consequentemente influenciam no processo de ensino-aprendizagem.

Visto isso, nota-se que ausência da afetividade pode ocasionar diversos problemas, tais como, desinteresse nas atividades em sala de aula, desmotivação nas práticas de ensino, falta de dinâmica no contexto educacional, além de problemas associados à formação da conduta da criança. Ressalta-se que por esses motivos, a falta da afetividade pode implicar na aprendizagem e no desenvolvimento integral desse aluno.

Desse modo, esse estudo tem como objetivo analisar a afetividade como instrumento facilitador do processo ensino-aprendizagem em uma escola pública do município de Itaituba-PA, a partir das concepções de professores e alunos do ensino fundamental. Com base nisso, pretende-se responder algumas questões que foram norteadoras desta pesquisa, tais como: Qual a visão dos professores a respeito da afetividade como instrumento facilitador do processo de ensino-aprendizagem? Qual o papel do professor e da escola na formação afetiva do aluno? Quais os desafios enfrentados na construção de um laço afetivo entre professor-aluno? Os alunos percebem um ambiente afetivo no cotidiano escolar?

É estudo um bibliográfico, posto que apoiou-se em autores que tratam da temática relacionada à afetividade e aprendizagem tais como Bock; Teixeira e Furtado (1999), Capelatto (2012), La Taille (1992), Chalita (2008), Castro (2012), Regianatto (2013), Cunha (2012). A abordagem da pesquisa é qualitativa. Para coleta de dados foram utilizados questionários e com 7 professores e 78 alunos de 6º ao 9º ano Escola Municipal de Ensino Fundamental São Francisco das Chagas, de Itaituba-PA.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos, onde no primeiro capítulo foi abordado sobre o afeto nas concepções teóricas, conceituando-o e analisando as teorias segundo Piaget, Vygotsky e Wallon, além de relacionar a afetividade no contexto familiar.

No segundo capítulo tratou-se da construção da afetividade no ambiente escolar, evidenciando a escola como ambiente afetivo, a afetividade nas práticas pedagógicas e o papel do professor para o desenvolvimento afetivo do aluno.

Por fim, no terceiro capítulo estão os resultados e análises da pesquisa sobre a afetividade, aprendizagem e o ensino em uma escola pública de Itaituba-PA, nela, encontram-se as metodologias utilizadas, a contextualização do ambiente pesquisado, descrição dos sujeitos das pesquisas, além dos olhares de professores e alunos sobre as relações afetivas na escola.

1 O AFETO NAS CONCEPÇÕES TEÓRICAS

1.1 CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS SOBRE AFETIVIDADE

A afetividade é um dos elementos que fazem parte do ser humano, dessa forma não pode ser ignorada e sim, desenvolvida, pois faz parte da subjetividade, isto é, o que diferencia os seres humanos de outros seres. A afetividade permite ao ser humano demonstrar os sentimentos e as emoções a outro ser durante sua vida em decorrência do processo de convivência.

Desde seu nascimento até a morte a afetividade acompanha o homem, pois ela age como fonte propulsora de energia vital. No dia-a-dia a afetividade é a base pela qual é construído o conhecimento. O homem não é um ser imutável, ou seja, seu processo de desenvolvimento e aprimoramento afetivo sempre estará em construção devido à convivência com os demais e as trocas de experiências, o que ocasionará também a construção do seu conhecimento cognitivo. (SARMENTO, 2010, p. 10).

É indispensável que se estude a vida afetiva, uma vez que as expressões e pensamentos humanos não podem ser compreendidos se não considerar os aspectos afetivos. Se fosse observado apenas no lado cognitivo e racional dos indivíduos, deixando de lado a subjetividade da humanidade deixaria então de analisar aspectos importantes de sua totalidade, considerando dessa forma, o homem como um ser fragmentado.

Regianatto (2013, p. 04) afirma que a afetividade pode determinar o modo como as pessoas veem as situações e se manifestam a seu respeito. Muitas vezes existem situações em que o indivíduo se programa de antemão para agir racionalmente, no entanto quando está frente esta situação comporta-se totalmente diferente, deixando as emoções e sentimentos vir à tona, portanto, conforme Bock, Furtado e Teixeira (1999, p. 250) “são os afetos que determinam nosso comportamento”.

É importante salientar a princípio, que existe diferença entre os conceitos de emoções, sentimentos e afeto. A emoção define-se como um estado intenso e passageiro, como por exemplo, a ira. É caracterizada ainda por vir acompanhada de reações orgânicas intensas, ou seja, são as alterações que ocorrem no organismo, sendo estes, distúrbios gastrointestinais, que é o famoso “frio na barriga” ou

“borboletas no estômago”, sudorese, tremor, aceleração dos batimentos cardíacos, etc. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 251-255).

Nessa linha de pensamento, Gomes (2013, p. 515) entende que “a emoção caracteriza o estado do sujeito ante toda a ação”. Desse modo, as emoções estão intimamente ligadas às ações que o homem realiza no conjunto das relações sociais, por isso, o que determina a atuação deste indivíduo são os processos afetivo-emocionais. Diferentemente das emoções, os sentimentos são caracterizados como um estado menos explosivo, ou seja, mais atenuado e durável, como por exemplo, a gratidão, a lealdade, etc., e não vem acompanhado de reações orgânicas fortes.

Há apenas dois afetos básicos que compõem a vida afetiva do homem: o amor e o ódio, e estes podem manifestar-se tanto nas emoções quanto nos sentimentos, conforme Faria e Tortella (2015, p.17) que afirmam ser as emoções e os sentimentos a exteriorização da afetividade. Os mesmos fazem parte da vida psíquica, associado aos pensamentos, imaginações, sonhos e fantasias, caracterizando as diversas formas do comportamento humano.

Este pensamento corrobora com a concepção de afeto de Cunha (2012, p.16), onde o mesmo afirma que o afeto pode manifestar-se como emoções e sentimentos, bons ou ruins. Outra consideração acerca da definição de afetividade é posta por Araújo (2003, p. 153), na qual, “a afetividade seria um termo genérico que dá qualidade ao que é afetivo”. Nesse sentido compreende-se que, a afetividade abrange um conjunto de afetos que se sente em relação a tudo o que nos cerca, seja por outras pessoas, à natureza.

A palavra afeto vem de *affekt*— qualquer estado afetivo, agradável ou penoso, ainda que vago, e que se manifesta por uma descarga emocional física ou psíquica, imediata ou adiada. O afeto traduz as emoções representadas e corresponde às sensações. (CASTRO, 2012, p. 27-28).

De forma ampla, há inúmeros significados para o termo afetividade, que podem englobar, por exemplo, as atitudes, os valores, a moral e a ética do comportamento humano, além do desenvolvimento pessoal e social, da motivação, interesse e atribuição, ternura, inter-relação, empatia, ou seja, saber colocar-se no lugar do outro, para saber o que ele sente, constituição da subjetividade. Dessa

maneira, a afetividade pode ser caracterizada como a capacidade de experimentar sentimentos e emoções. (RIBEIRO, 2010, p.403).

Cabe ressaltar ainda que os afetos possuem outras características. Como mencionados anteriormente, a afetividade faz parte da vida psíquica, desta forma está ligada à consciência. A mesma que permite o indivíduo expressar as emoções e sentimentos e dizer ao outro o que sente através da linguagem.

A afetividade é parte integrante da subjetividade sendo as expressões melhores compreendidas se considerar os afetos que as acompanham. Logo, os afetos determinam o comportamento humano e constitui um aspecto de fundamental importância na vida psíquica, pois, expressam-se nos desejos, sonhos, expectativas, palavras e gestos que cada ser humano nutre ao longo da vida. (VIEIRA; LOPES, 2010, p.21).

Considerando esses aspectos, é nítida a necessidade da afetividade, das emoções e dos sentimentos, pois eles dão sabor e tornam mais agradável a vida, e ainda, influenciam nas tomadas de decisão. O afeto envolve tudo o que o ser humano vive desde o seu nascimento até a sua morte. É a partir do afeto que se definem as relações familiares, as amizades que serão feitas, as decisões tomadas.

É importante compreender que a vida afetiva, ou seja, as emoções e sentimentos que formam o ser humano estabelecem um aspecto relevante para a saúde mental. Bock, Furtado e Teixeira (1999, p. 259) afirmam que “as emoções e os sentimentos alimentam nosso psiquismo e estão presentes em todas as manifestações de nossa vida”, somando a isto, Cunha (2012, p. 16) contribui explanando que “é por meio do amor que se obtém saúde mental e emocional. É em razão do amor que o homem sabe se é feliz ou não [...]”. Enfim, por serem elementos extremamente importantes para a vida humana, dessa forma não é possível compreender o ser humano sem os sentimentos e as emoções.

As emoções são importantes para a saúde psíquica. Somos um ser social e afetivo. Afetivo, principalmente, porque nos relacionamos uns com os outros. A nossa primeira forma de aprendizagem vem pelas relações sociais, que sempre estarão conosco. Ainda que deixemos de estudar, ler, assistir à televisão e ir à escola, continuaremos a aprender pela convivência. (CUNHA, 2012, p.39).

Entende-se com isto, que o homem é um ser social por depender de outro para sobreviver e estes também influenciam sua forma de compreender o mundo, já que necessitam dos familiares e amigos para dialogar e sentir-se amados. De

acordo com Cunha (2012, p.20) falar sobre a afetividade no mundo atual parece ser uma novidade, porém o mesmo existe desde o nascimento, ou seja, os seres humanos são biologicamente programados para manter relações afetivas uns com os outros, e por isso sua primeira forma de aprendizagem é através do contato com o outro.

Sob esse viés, Antunes (2006) *apud* Brust (2009, p. 24) complementa que a afetividade é compreendida como,

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, essa necessidade se traduz em amor.

Tendo em vista os aspectos mencionados acima, é possível compreender que a relação afetiva é construída a partir do primeiro contato com o mundo. Manifestando-se *a priori* através do cuidado que se recebe, e, com o auxílio do outro o indivíduo vai criando a própria identidade, moldando-se de acordo as experiências vivenciadas no ambiente ao seu redor. (CASTRO, 2012, p. 37).

No contexto das ideias anteriores, Vieira e Lopes (2010, p.25) asseguram que “toda experiência vivida corresponde um valor afetivo que ao ser internalizado pode deixar marcas positivas ou negativas”. Ou seja, desde o nascimento até o dia da morte o ser humano recebe e doa afeto uns aos outros, sejam estes, bons ou ruins. Isto é o que se caracteriza o viver, e, durante este processo, os indivíduos passam pela troca de diversas experiências físicas e emocionais, que moldam e formam os seres humanos.

Segundo Vieira e Lopes (2010, p.20), a afetividade e a razão são conceitos que se complementam, pois, a afetividade é a base que dá sentido à ação do homem, enquanto a razão faz com que o sujeito identifique seus desejos, distinguindo sentimentos variados e se empenham para obter êxito nessas ações. Sob esta afirmativa é impossível dizer que o homem é apenas cognição, no entanto, apesar de inúmeros estudos sobre a influência da afetividade em sua vida, há ainda as concepções antagônicas de razão x emoção, em que afirmam que a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual é fruto apenas do consciente,

excluindo as contribuições dos fatores afetivos explícitos no ato de ensinar e aprender. (ALMEIDA, 1993, p.31).

Há, hoje em dia, um grande interesse pelo estudo da cognição e as suas relações com o afeto, em uma superação da dicotomia entre razão e emoção. As nossas ações, as condutas e os pensamentos recebem permanente ingerência do nosso ser emocional e racional. (CUNHA, 2012, p. 34).

As relações entre afetividade e cognição vão mais além do que se pode imaginar, pois as mesmas mantêm um relacionamento intrínseco para a constituição do homem como ser total e absoluto. O afeto é a força necessária para que a estrutura cognitiva funcione adequadamente, isto é, facilita o desenvolvimento dos conhecimentos mais rapidamente, pois, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade. Por isso, pode-se dizer que é inquestionável que o afeto exerce influência sobre a cognição e vice-versa.

Portanto, Araújo (2003, p. 55) atenta que as dimensões cognitivas, socioculturais, biológicas e afetivas são indissociáveis, e, todas se relacionam harmoniosamente, sua separação ocorre apenas para fins de estudos. É evidente, portanto, que o homem é um ser que pensa e sente ao mesmo tempo, uma vez que a emoção sempre se faz presente em sua relação com o mundo exterior, dessa forma, razão e emoção são inseparáveis.

Evidencia-se até aqui inúmeros benefícios que a afetividade causa durante a trajetória de vida do homem nas relações sociais. Castro (2012, p.34) afirma que a afetividade é responsável ainda pelo “sentimento de confiança, de segurança, e pela construção da autoestima, relacionado com a necessidade de sentir-se amado, valorizado, respeitado, aceito”. Sua ausência, no entanto, traz consigo inúmeros problemas de ordem social, educacional e psicológica, tais como, ansiedade, insegurança, falta de iniciativa, dificuldades de aprendizagem, isolamento e agressividade ou timidez excessiva.

A afetividade é bem mais complexa do que se pode imaginar, traz consigo grandes reflexões acerca de sua influência na vida dos indivíduos. Ela surge a partir do momento em que há uma ligação de amor entre dois sujeitos. Conforme Capelatto (2012, p. 11) quando o ser humano ama também sente medo, medo de perder o outro, seja um filho saindo de casa, a separação de um casal de

namorados ou mesmo a morte, sendo assim, o amor equivale ao medo de perder. Este medo engloba outros sentimentos, tais como, a raiva, o ciúme, ódio e etc.

A afetividade como o domínio das emoções, dos sentimentos das emoções, das experiências sensíveis e, principalmente, da capacidade de entrar em contato com sensações, refere-se às vivências dos indivíduos e às suas formas de expressão essencialmente humanas. (VIEIRA; LOPES, 2010, p.19).

Nada é mais humano do que os sentimentos, pois é o que diferencia os homens dos demais. Ou seja, a capacidade de amar, e principalmente de transmitir esse afeto através de gestos e atitudes é o que se tem de mais humano, é que os caracteriza como tal. Ser humano é sentir, é emocionar-se, é dar afeto ao outro, é ser privilegiado.

Assim, diante do que foi exposto, nota-se que a singularidade do homem é o que o faz ser único. O afeto é um tipo de linguagem em que se expressa percepções internas. Nesse sentido, não se deve ignorar as emoções e sentimentos, pois são constituintes fundamentais da vida, logo não pode deixá-los de lado.

1.2 O AFETO E AS EMOÇÕES À LUZ DAS TEORIAS

Há na afetividade as repostas de inúmeras indagações que podem modificar concepções e teorias do desenvolvimento e aprendizagem humana, no entanto, há escassez de estudos voltados para esta área de conhecimento.

As relações entre afeto e cognição se constituem de uma temática intrigante e atraente, pois desafia muitos estudiosos por sua complexidade. Dessa maneira, falar sobre afetividade e sua importância para a compreensão do homem pressupõe primeiramente fazer um breve resumo da vida e uma pequena revisão das visões de três importantes autores no campo da psicologia, Jean Piaget, Lev Semionovich Vygotsky e Henri Wallon, expondo em linhas gerais, as concepções dos mesmos sobre a afetividade, ou seja, as questões relacionadas com o papel do afeto no desenvolvimento do indivíduo.

Jean Piaget (1896-1980) nasceu em Neuchâtel, Suíça, morreu em Genebra, com 84 anos. Biólogo, psicólogo e também estudioso da filosofia ganhou notoriedade pelo seu talento intelectual precoce e pela sua originalidade e

importância de pesquisas sobre o conhecimento humano, Piaget passou a ser considerado um gênio. Publicou aproximadamente 50 livros e centenas de artigos.

Nos anos de sua carreira universitária, Piaget foi professor de diversas disciplinas, como Psicologia, Sociologia e Filosofia das Ciências, em diferentes universidades, como Neuchâtel, Genebra, Sorbonne, etc. (CORRÊA, 2008, p. 20).

De acordo com Souza (2003, p. 55) no ano de 1919, aos 23 anos de idade Piaget participou da sua primeira conferência sobre o tema afetividade, a convite da Sociedade Alfred Binet, a última foi em 1971 quando estava com 75 anos de idade. No entanto, foi em 1945, com a obra *A formação do símbolo na criança*, que Piaget apresentou seu estudo das relações entre afetividade e inteligência, onde assegurava que ambas estão indissociadas e integradas no desenvolvimento psicológico, portanto impossível estudá-las separadamente para a explicação do desenvolvimento humano.

Em território brasileiro, Jean Piaget também se fez presente recebendo em 1949 o título de doutor *Honoris Causa* da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Em 1955 fundou o Centro Internacional de Epistemologia Genética, que dirigiu até o fim da vida. (Ibidem, p.21).

Compreender os estudos de Piaget e transmitir seus conhecimentos não se constitui tarefa simples. Apesar de pouco ter escrito sobre o tema em discussão, não significa que não tenha considerado a dimensão afetiva como importante para o estudo da inteligência e desenvolvimento psicológico.

Antes mesmo de adentrar os estudos piagetianos que tratam em específico das relações entre cognição e afetividade, faz-se necessário que se apresente, inicialmente o conceito básico a respeito da Teoria Construtivista do funcionamento mental do ser humano de Jean Piaget.

Piaget não acredita que todo o conhecimento seja, a priori, inerente ao próprio sujeito (inatismo), nem que o conhecimento provenha totalmente das observações do meio que o cerca (empirismo). De acordo com suas teorias, o conhecimento, em qualquer nível, é gerado através de uma interação do sujeito com seu meio, a partir de estruturas (estágios) previamente existentes no sujeito. Sendo assim, o conhecimento é uma interação entre sujeito e objeto. O indivíduo constrói seus conhecimentos, suas estruturas e os modifica, aperfeiçoa, achando coisas novas, novidades adaptadas, relacionadas aos conhecimentos até então limitados que passam a servir como ponto de partida. (Ibidem, p. 23-24).

Para melhor entendimento, Piaget em sua abordagem construtivista, compreende como a criança passa de um estado de menor conhecimento a outro de maior conhecimento, bem como o que está intensamente relacionado com o desenvolvimento pessoal do indivíduo. Ou seja, construtivismo explica que novos níveis de conhecimento estão sendo constantemente construídos através das interações entre o sujeito e o meio crescentemente. O construtivismo tem como base uma teoria de aprendizagem e do desenvolvimento humano com forte prestígio científico.

Como mencionado anteriormente apesar de não ter centrado seus estudos e pesquisas no desenvolvimento afetivo das crianças e sim na lógica do pensamento das mesmas, Piaget não desconsiderou a dimensão afetiva para o estudo da inteligência e do desenvolvimento psicológico e colocou em suas obras que é incontestável o papel do afeto no funcionamento da inteligência, nas suas estruturas e formas de organização. De acordo com Souza (2003, p. 60), Piaget faz um paralelismo, ou mesmo como prefere chamar “correspondência” entre os estágios do desenvolvimento cognitivos e afetivos em consonância. Para cada estágio do desenvolvimento, Piaget atribuiu ou relacionou aos aspectos afetivos centrais de cada fase.

Na teoria piagetiana há uma distinção básica entre as funções cognitivas e afetivas, embora inseparáveis na conduta concreta do indivíduo. Nesse sentido, as funções cognitivas vão das funções sensório-motoras até a inteligência abstrata, que se caracteriza pelo indivíduo que consegue raciocinar, decidir e planejar antes de realizar uma ação. Já as funções afetivas compreendem os sentimentos de agrado ou desagrado, sentimentos estéticos, a vontade, o interesse, entre outros. (ALMEIDA, 1993, p. 38). De acordo com a teoria de Piaget,

[...] o desenvolvimento intelectual é considerado com tendo dois componentes: o cognitivo e o afetivo. Assim, o desenvolvimento afetivo se dá em paralelo ao cognitivo e tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. [...] o aspecto afetivo por si só não pode modificar as estruturas cognitivas, mas pode influenciar quais estruturas modificar. O psicólogo nos explica que nos estágios de desenvolvimento da criança o que há é uma correspondência entre desenvolvimento cognitivo e afetivo, e não uma sucessão. (CORRÊA, 2008, p. 25).

Em sua abordagem, Piaget defende a indissociabilidade entre cognição e afetividade, apontando que o funcionamento mental é influenciado por ambas as

dimensões. Assim, em seu estudo do desenvolvimento humano, Piaget defendeu a ideia de que a criança passa por diferentes estágios de desenvolvimento, que correspondem ao surgimento de diferentes estruturas mentais e diferentes perspectivas a partir das quais a criança compreende o mundo e nele atua.

Se tornarmos o sujeito durante o período sensório-motor como “preso” à percepção, diremos que a evolução significa descentra-se da atividade própria para chegar à elaboração o universo físico. Afetivamente, o processo evolutivo é semelhante. [...]. Conclui-se então que ocorre descentração tanto afetiva como cognitiva. (SOUZA, 2003, p. 62).

Conforme estudado, o primeiro estágio do desenvolvimento da inteligência na teoria piagetiana é o sensório-motor, caracterizados por reflexos e instintos, onde a criança não tem capacidade de verbalizar. Está presa aos eventos perceptíveis e as atividades motoras, não permitindo a socialização de suas ações. Esta fase corresponde aos sentimentos intraindividuais que acompanham suas ações. As emoções primárias resumem-se em afetos de prazer e às dores relacionadas aos sentimentos de agrado e desagrado.

Consequente, na fase pré-operatória e operatória o pensamento não é preso apenas aos eventos perceptivos e motores como na anterior, ou seja, a criança poderá expressar-se através da linguagem verbal ou socializada de acordo com o ponto de vista cognitivo. Nesta etapa há também uma característica essencialmente representacional, ou seja, simbólico. Assim, as sequências de comportamento podem ser ordenadas mentalmente e não apenas em situações físicas e reais. Quanto aos afetos, segundo Piaget, correspondem aos sentimentos intuitivos, ou seja, são sentimentos sociais e morais, sendo estes, o amor, o temor, o respeito, obediência e etc. (Ibidem, p. 63-64).

Piaget ao tratar das relações entre afetividade e inteligência afirma que ambas são inseparáveis e integradas no desenvolvimento psicológico da criança. Pode-se, nesse sentido haver duas interpretações diferenciadas, onde num primeiro momento pode exprimir que nesta afirmação a afetividade influencia nas operações da inteligência, podendo estimulá-la ou perturbá-la, acelerar ou atrasar o desenvolvimento intelectual do indivíduo, no entanto não modifica as estruturas da inteligência. Num segundo sentido, pode-se interpretar ao contrário. Ou seja, que a afetividade intervém nas estruturas da inteligência, pois ela é fonte de conhecimento e de operações cognitivas originais. (ALMEIDA, 1993, p. 37-38).

Segundo La Taille (1992, p. 65), Piaget defende a primeira interpretação, afirmando que,

O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetivos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a razão está ao seu serviço.

Desta forma, é imprescindível ressaltar que a afetividade desempenha um papel de fonte ativa da qual dependeria o funcionamento da inteligência, mas não suas estruturas. Para o teórico, a afetividade não gera, ela própria, nem estruturas cognitivas e muito menos modifica as estruturas no funcionamento nas quais ela intervém. A citação acima na verdade, descreve todo o estudo piagetiano ligado à afetividade. Portanto, não parece haver mistério nesta interpretação, sendo a afetividade a energia que impulsiona as ações.

Assim, resume-se que a afetividade é uma das bases do funcionamento psicológico e da construção de conhecimentos cognitivos, sendo as construções intelectuais permeadas passo a passo pelo aspecto afetivo.

A partir dos sete ou oito anos, em média, a criança se torna capaz de fazer avaliações morais pessoais de atos voluntários decididos livremente e de sentimentos morais que podem, às vezes, entrar em choque moral heterônoma da obediência e com os adultos. (SOUZA, 2003, p. 66).

A autora retrata que a correspondência entre os aspectos cognitivos e afetivos das fases do desenvolvimento nas operações concretas são caracterizados por sentimentos normativos, isto é, sentimentos morais autônomos ligados à reciprocidade, como por exemplo, o senso de justiça, de respeito mútuo, alterados pela vontade, que só é possível por conta das operações reversíveis do pensamento.

Enfim, quanto ao desenvolvimento da inteligência nas operações formais, distingue-se por possuir uma lógica proposicional e o raciocínio hipotético-dedutivo. Isto permite que o indivíduo entenda os sentimentos como conteúdos de seus pensamentos de forma abstrata, ou seja, ele não necessita dos conteúdos concretos. Assim, esta fase corresponde aos sentimentos ideológicos, que visam objetivos de ideais coletivos sendo indispensável para a inclusão na vida adulta, pois

garante a elaboração da subjetividade e personalidade humana e, a inserção na vida social.

É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. No entanto, em minha opinião, não é uma condição suficiente. (PIAGET, 1994 *apud* SOUZA, 2011, p. 252).

Percebe-se que o autor quer enfatizar diversas vezes que, sem o afeto não haveria o interesse, necessidade ou motivação, e logo questionamentos ou problemas nunca seriam postos e não haveria inteligência. Assim entende-se que afetividade é uma condição necessária à constituição da inteligência.

Outro importante teórico que trata da afetividade em seus estudos é Lev Semionovich Vygotsky (1896-1934). Nasceu na cidade de Orsha, na Rússia. Estudou direito, filosofia e história em Moscou, a partir de 1912. Teve uma vida extremamente curta por conta de sua doença que o levou a morte. (IVIC, 2010, p. 12).

Vygotsky escreveu entre os anos de 1931 a 1933 diferentes versões de uma longa obra sobre as emoções. A obra integral foi publicada cinquenta anos após sua morte e tinha como título “Teoria das emoções: uma investigação histórico-psicológica”. (OLIVEIRA; REGO, 2003, p. 16).

Ademais, em seus conjuntos de anotações sobre as participações em conferências de psicologia, há uma intitulada “As emoções e seu desenvolvimento na infância”. Ainda no livro “Psicologia pedagógica” possuía um capítulo denominado “a educação do comportamento emocional”. Assim, nota-se que Vygotsky era realmente interessado em estudar e desenvolver textos sobre temas relacionados à temática da afetividade. Suas obras que tratam da emoção, ainda que dispersos e incompletos, torna-se de elevado grau para este estudo.

Existe um grande número de textos não publicados, outros publicados em mais de uma versão. Seus estudos discutem sobre fatores biológicos e sociais no processo de formação do ser humano. Mesmo não tendo recebido formação psicológica, tornou-se autor de uma notável teoria engajada nas contribuições da cultura, na interação social e na dimensão histórica do desenvolvimento mental.

Se houvesse que definir a especificidade da teoria de Vygotsky por uma série de palavras e de fórmulas chave, seria necessário mencionar, pelo menos, as seguintes: sociabilidade do homem, interação social, signo e instrumento, cultura, história, funções mentais superiores. E se houvesse que reunir essas palavras e essas fórmulas em uma única expressão, poder-se-ia dizer que a teoria de Vygotsky é uma “teoria sócio-histórico-cultural do desenvolvimento das funções mentais superiores”, ainda que ela seja chamada mais frequentemente de “teoria histórico-cultural”. (IVIC, 2010, p. 15).

Resumidamente a teoria de Vygotsky visa mostrar que a origem e natureza do homem não o compreendem como um ser isolado. O ponto principal da concepção vygotskyana é a interação social que o homem desempenha, sendo um papel construtivo no seu desenvolvimento. Ou seja, certas funções mentais como a atenção, memória lógica, pensamento verbal e conceitual, emoções, não poderiam surgir e se estabelecer no processo de desenvolvimento sem a base construtiva das interações sociais.

Sendo assim entende-se que o homem é um ser sócio-histórico-cultural porque o indivíduo é determinado nas interações sociais, ou seja, é por meio da relação com o outro e por ela própria, que o indivíduo se constitui como ser de direitos e deveres. O ser humano é moldado pela cultura que ele próprio cria, pois utiliza novas tecnologias para dominar a natureza e esses instrumentos são idealizados e modificados ao longo da história, os poderes humanos são expandidos pelos instrumentos culturais. A atividade mental é exclusivamente humana e é resultante da aprendizagem social, da interiorização da cultura e das relações sociais. (LUCCI, 2006, p. 05).

Em outras palavras, os seres humanos aprendem através de sua cultura e das trocas e relacionamentos sociais uns com os outros, sendo os mesmos participantes de uma sociedade moderna e industrializada, com tecnologias, escolas, uma língua específica, agindo, pensando, falando e sentindo como um determinado indivíduo da sociedade. Conforme este pensamento, entende-se que o aprendizado sobre as emoções e afetos segundo Vygotsky é a longo prazo, uma vez que se inicia nos primeiros momentos de vida e perdura por toda sua existência. (OLIVEIRA; REGO, 2003, p. 23).

Ainda de acordo com a autora acima, Vygotsky reconhece a peculiar relação entre o pensamento e os aspectos afetivos como sendo condição necessária, no entanto não capaz de suprir os estudos psicológicos. Em sua visão, ambas devem

ser verificadas no decorrer da história do desenvolvimento, de uma perspectiva genética.

[...] as dimensões do afeto e da cognição estariam, desde cedo, íntima e dialeticamente relacionadas. Nessa perspectiva a vida emocional está conectada a outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de modo geral. Sendo assim, seu papel na configuração da consciência só pode ser examinado por meio da conexão dialética que estabelece com as demais funções e não por suas qualidades intrínsecas. (OLIVEIRA; REGO, 2003, p. 19).

Esta perspectiva diz respeito às relações histórico-culturais manifestadas principalmente na linguagem da criança e também do adulto, relações estas que influenciam a afetividade diretamente ligada às subjetividades dos envolvidos nas interações, permeadas e transformadas pela cultura em suas diferentes manifestações, alterando-se mutuamente.

Para Vygotsky o homem nasce como um ser biológico, que através da inserção na cultura constitui-se como um ser sócio histórico. Isto quer dizer que o homem nasce com as funções elementares ou inferiores, em crianças, de procedência biológica. Logo em sua teoria, explica como tais funções, partindo da inserção social passam a constituírem-se como funções superiores, as adultas, que distingue os humanos dos animais por possuir emoções, bem com diferencia as crianças dos adultos, estes por sua vez têm uma vida emocional mais refinada que as crianças. (LEITE, 2012, p. 360).

Vygotsky diferencia as emoções primitivas, ou seja, as funções elementares das crianças, como alegria, medo e a raiva. Defendia que a partir das emoções inferiores que as emoções superiores mais sofisticadas se desenvolvem, tais como o ciúme e a melancolia. Estas são mais complexas, sendo que os mesmos envolvem o controle do homem sobre si mesmo.

De modo geral, na concepção vygotskyana o surgimento da vida afetiva social é intermediado pelos significados atribuídos no contexto cultural em que o sujeito está inserido. Tem-se como exemplo, a diferença dos gêneros em relação às características emocionais de cada um. As mulheres são classificadas na sociedade como sendo mais sensíveis, emotivas, choronas, ansiosas, frágeis, os homens por sua vez, são rotulados como mais racionais, frios e objetivos. Ou seja, tudo consequência dos significados das situações sociais. (OLIVEIRA; REGO, 2003, p. 21).

Henri Wallon, um dos mais marcantes teóricos desta temática, nasceu na França em 1879, percorrendo toda sua trajetória de vida em Paris, onde morreu em 1962. Foi médico, filósofo e psicólogo, sua vida foi marcada por inúmeras produções intelectuais e intensa participação nos acontecimentos de sua época, tais como a primeira guerra mundial.

Entre os anos de 1920 a 1937 foi responsável pelas Conferências sobre psicologia da criança em Soboronne e em outras instituições. Em 1925 publicou sua tese de doutorado “A criança turbulenta”. Ao longo de sua carreira, aproximou-se cada vez mais da educação, ao passo que visava conhecer o psiquismo humano através da criança, interessou-se de fato sobre os problemas concretos da infância, principalmente no que diz respeito à educação. (GALVÃO, 1995,p. 21-23).

Neste contexto, Wallon acreditava numa relação de contribuição recíproca entre a psicologia e a pedagogia, uma vez que pedagogia ofereceria um campo de observação e questões de pesquisas pertinentes à psicologia, e a psicologia por sua vez contribuiria com estudos sobre os processos de desenvolvimento infantil, fazendo-se de grande valia para as práticas pedagógicas. Escreveu diversos artigos envolvendo temas ligado a educação, tais como formação do professor, interação entre alunos, adaptação escolar dentre outros.

A teoria walloniana tem uma visão não fragmentada do homem. Entende que o ser humano deve ser conhecido através de todos os seus aspectos de desenvolvimento, seja este o ato motor, a afetividade e a inteligência, e principalmente como ocorre sua relação com o meio. Por isso, suas investigações concentram-se nos primeiros anos de vida, uma vez que é esta a melhor fase de compreensão das funções psíquicas.

Por esse motivo, para Wallon, no adulto quase não há crises emotivas, como ataques de choro, birra, surtos de alegria, tão comuns ao cotidiano da criança. Isso se dá porque as emoções aparecem reduzidas, pois são subordinadas ao controle das funções psíquicas superiores.

Para superar visões que compreendiam as emoções como acessório da ação humana ou elemento perturbador dela, Wallon se volta para os primórdios da vida, mostrando que, sendo esse o período em que as emoções têm presença predominante, deve estar aí a fonte de sua compreensão. Reconhecendo que são manifestações complexas e desconcertantes, propõe que sua compreensão depende de superar uma lógica linear e mecanicista em proveito de uma lógica dialética que busque captar a diversidade e as oposições do real. (GALVÃO, 2003, p. 71).

Diferentemente de Piaget, Wallon não acredita que os estágios de desenvolvimento constituam uma sequência linear e fixa, ou que um estágio suprima o outro. Na teoria Walloniana, o estágio seguinte amplia e aperfeiçoa os anteriores. Em outras palavras, as fases se sucedem com predominância alternadamente afetiva e cognitiva. Em comparação com a teoria piagetiana, Wallon também propõe uma série de estágios do desenvolvimento. Em contrapartida, não se limita apenas aos aspectos cognitivos, ou seja, faz uma análise mais flexível dos estágios.

Na teoria de Wallon, a extensão afetiva é o estudo central como não ocorre em nenhuma outra. Nela, a afetividade é tão importante quanto a inteligência, pois desempenhando um papel significativo na constituição e funcionamento dessa última determina os interesses e necessidades individuais. Afetividade e inteligência constituem-se dessa forma, uma dupla inseparável no desenvolvimento do psiquismo humano, pois embora tenham funções bem definidas e diferenciadas entre si, são interdependentes em seu desenvolvimento, isto é, permite a criança alcançar níveis de evolução cada vez maiores. (DANTAS, 1992, p. 90).

Para melhor entendimento do desenvolvimento humano, Wallon enumera cinco estágios com suas respectivas características centrais predominantes nos quais a criança estabelece diferentes formas de interação com o meio humano e físico. Em cada fase do desenvolvimento, os aspectos afetivos e cognitivos estão em constante envolvimento. O primeiro é o estágio impulsivo-emocional, que compreende o primeiro ano de vida, onde as emoções são o principal instrumento de interação da criança com o meio. A sua falta de experiência, gera a supremacia da afetividade, que guia as primeiras reações do bebê às pessoas, onde as mesmas fazem mediação da sua relação com o mundo físico.

Devido ao longo período de imperícia do recém-nascido da espécie humana, sua sobrevivência depende da ajuda de parceiros mais experientes. Sozinho o bebê não é capaz nem mesmo de virar-se de uma posição incômoda, seus movimentos não se ajustam às circunstâncias exteriores e não tem eficiência objetiva. Sua primeira atividade eficaz é desencadear no outro reações de ajuda para satisfazer suas necessidades. Não há adulto que permaneça indiferente aos gritos ou às gesticulações de um recém-nascido. (GALVÃO, 1995, p. 60).

Neste estágio, a emoção é valiosíssima, pois se trata do único instrumento de interação que a criança possui para integrar-se ao meio. Se não fosse a capacidade de mobilizar poderosamente o ambiente no que se refere a atender suas

necessidades, o bebê não sobreviveria. Por isso, o choro da criança age de forma tão rigorosa principalmente sobre a mãe.

É neste sentido que há, de acordo com Wallon, uma intensa comunicação afetiva, pois, as pessoas próximas a esta criança, seja mãe, pai, ou outro, irão de certo modo interpretar o seu desejo. Sendo assim, podem mudá-lo de uma posição de desconforto, darão de mamar, trocar-lhe de roupa, ou seja, o outro age visando atender a necessidade do recém-nascido.

No estágio sensório-motor e projetivo, que vai até o terceiro ano, o interessante da criança se volta para a exploração sensório-motora do mundo físico. A aquisição da marcha e da preensão possibilitam-lhe maior autonomia na manipulação de objetos e exploração de espaços. (GALVÃO, 1995, p. 44).

Nota-se neste ponto que a criança aprende a andar e começa a explorar o mundo ao seu redor. Outro marco importantíssimo desta fase é a aquisição da linguagem e o desenvolvimento da função simbólica, isto é, a capacidade de usar esquemas mentais atribuindo-lhes significados, tais representações mentais podem ser palavras, números ou imagens. É nesta fase em que há a prevalência dos aspectos cognitivos sobre os afetivos. Desse modo, o ato mental exterioriza-se através dos atos motores. Resumidamente, ao contrário do estágio anterior, neste predominam as relações cognitivas com o meio.

O estágio do personalismo, que abrange faixa dos três aos seis anos, a atividade central é o processo de formação da personalidade. A construção da consciência de si, que ocorre através das interações sociais, direciona o interesse da criança para as pessoas, definindo o retorno da predominância das relações afetivas. Nesta fase, a criança é mais voltada para si, buscando o enriquecimento do “eu” formando sua personalidade, portanto utiliza incansavelmente expressões como eu, meu, não, dentre outras. Assim sendo, a afetividade é o condutor do desenvolvimento e possibilita a crescente individualização da criança em relação ao mundo.

Por volta dos seis anos, inicia-se o estágio categorial, que graças à consolidação da função simbólica e à diferenciação da personalidade realizadas no estágio anterior, traz importantes avanços no plano da inteligência. Os progressos intelectuais dirigem o interesse da criança para as coisas, para o conhecimento e conquista do mundo exterior, imprimindo as suas relações com o meio preponderando do aspecto cognitivo. (GALVÃO, 1995, p. 44).

No estágio categorial prepondera o domínio cognitivo e, por isso, o interesse volta-se para as coisas e objetos. A criança neste ponto já consegue se diferenciar do outro e é um período voltado para exploração mental do mundo físico. Ela começa a perceber-se a parte de outras pessoas e de objetos, enfim, começa a perceber sua individualidade em relação às coisas e pessoas.

A parte afetiva nesta fase é muito importante, pois ela marca de modo positivo ou negativo as características que a criança atribui aos objetos, pessoas ou situações com as quais lida. A mesma prossegue em seu desenvolvimento afetivo e motor, porém as características de seu comportamento são determinadas pelo desenvolvimento intelectual. Evidencia-se mais uma vez que na teoria Walloniana um não suprime o outro, mas o aprimora.

A fase da adolescência é apresentada pela teoria Walloniana como última e mais agitada etapa que separa a criança do adulto que irá se tornar. Nesse estágio há inúmeras modificações fisiológicas atribuídas pelo amadurecimento hormonal, causando intensas transformações corporais, acompanhada por desenvolvimento psíquico que é marcado pela vinda de um fenômeno muito importante, o qual o jovem adquire o poder sobre a sua função reprodutora e sexual. Deste modo voltam a preponderar às funções afetivas, isto é, a construção da pessoa a sua identidade vai ocupar o primeiro plano. A vida afetiva torna-se muito intensa e toma um relevo que muitas vezes surpreende o adulto.

Vimos dessa maneira que ocorre uma sucessão dos estágios, ora predominantemente afetivos, ora cognitivos. Segundo Galvão (1995, p. 45) trata-se do princípio de alternância funcional, ou seja, a afetividade e a cognição, ao reaparecer uma de cada vez soma, incorpora, agrega a conquista da outra no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, um imenso e permanente processo de integração e diferenciação.

As emoções podem ser consideradas, sem dúvida, como a origem da consciência, visto que exprimem e fixam para o próprio sujeito, através do jogo de atitudes determinadas, certas disposições específicas de sua sensibilidade. Porém, elas só serão o ponto de partida da consciência pessoal do sujeito por intermédio do grupo, no qual elas começam por fundir e do qual receberá as fórmulas diferenciadas de ação e os instrumentos intelectuais, sem os quais lhe seria impossível efetuar as distinções e a classificações necessárias ao conhecimento das coisas e de si mesmo. (WALLON, 1986 *apud* GALVÃO, 1995, p. 64).

A afetividade segundo este teórico é vista como instrumento de sobrevivência. Desse jeito, a afetividade corresponde à primeira manifestação da consciência do ser humano, ou seja, impulsiona o desenvolvimento cognitivo ao criar vínculos imediatos com o meio social, através do seu universo simbólico culturalmente elaborado e historicamente acumulado pela humanidade. Ademais, os instrumentos mediante os quais se desenvolverá o aprimoramento intelectual são garantidos por estes vínculos estabelecidos pela consciência afetiva. (DANTAS, 1992, p. 85-86).

De maneira geral, a teoria Walloniana diz que quando a afetividade se sobressai à dimensão cognitiva, o indivíduo está voltado para a construção do seu eu e, por isso, o movimento é para o interior da pessoa. Quando a cognição prevalece, o movimento é para o exterior, ou seja, para o conhecimento do mundo, das coisas. A dimensão motora não assume a preponderância em fase alguma, mas exerce um papel fundamental na evolução da pessoa.

Portanto, a afetividade à luz de diferentes concepções teóricas aqui expostas desempenham uma função, em maior ou menor grau de importância, de organização e de sustentação dos desempenhos psíquicos, sendo desta forma, indispensável e indissociável das diferentes tarefas e atividades desenvolvidas pelo ser humano.

1.3 A FAMÍLIA E AS RELAÇÕES AFETIVAS

O que se entende de família *a priori*, é que pode estar profundamente associada a afetos e sentimentos de diferentes tipos. De acordo com Biroli (2014, p. 07), “a família se define em um conjunto de normas, práticas e valores que têm seu lugar, seu tempo e uma história”. Assim, as experiências que se tem das relações familiares são únicas, pessoais e indispensáveis para o entendimento do homem, isto é, para sua identidade.

A instituição familiar é uma das mais antigas do mundo, dessa maneira anda lado a lado com a existência humana. Carrega consigo vitórias e derrotas, erros e acertos. Mesmo assim, segue sua trajetória, por distintos caminhos de acordo com as transformações da sociedade. (CHALITA, 2008, p. 164).

Desse modo, o lar é o ponto de partida para o desenvolvimento emocional e afetivo. Segundo Capellato (2012, p. 15), “família é um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo de estar juntas, por uma dinâmica chamada afetividade”. Família é

um grupo de indivíduos que possuem os mesmos descendentes. É a entidade social na qual se tem maior afeto por aqueles indivíduos que a constituem, dentre estes, pai, mãe, irmãos, avós, tios, primos, marido, esposa e agregados e etc.

A família é forte transmissora de valores ideológicos. A função social atribuída à família é transmitir os valores que constituem a cultura, as ideias dominantes em determinado momento histórico, isto é, educar as novas gerações segundo padrões dominantes e hegemônicos de valores e de condutas. Neste sentido, revela-se o caráter conservador e de manutenção social que lhe é atribuído: sua função social. (BOCK; TEIXEIRA; FURTADO, 1999, p. 328).

É dentro da família que ocorrerá as primeiras trocas de experiências, ou seja, o indivíduo conhecerá seus primeiros sucessos e fracassos, medos e frustrações. A família é, dessa forma, a base para crescimento do ser humano. É dela a tarefa de ajudar a criança a socializar e desenvolver a sua personalidade, moldando e configurando o seu aspecto intelectual, emocional e social.

É no ambiente familiar que acontecem os primeiros aprendizados. Estes dizem respeito aos hábitos, os costumes e a cultura, por exemplo, o aprendizado da língua, da identidade cultural. Isto se constitui de forma imprescindível para a criança se adaptar ao mundo à sua volta. É a família que garante o exercício dos direitos da criança e do adolescente, através dos cuidados primordiais para seu crescimento e desenvolvimento físico, psíquico e social. (BOCK; TEIXEIRA; FURTADO, 1999, p. 329).

A família, primordialmente, constitui-se de laços biológicos e vínculos sanguíneos, porém sua coexistência perdura pelo afeto, amizade, solidariedade e amor para superação de toda dor e incerteza, encontros e desencontros. O amor é um sentimento que brota da necessidade de privacidade, mas que conserva a noção de cumplicidade e amizade. Do amor nasce a relação de confiança, cumplicidade e responsabilidade com a vida do outro. Sentimento que sustenta a teia de relações e gera reflexos positivos em todos os demais segmentos sociais. (CHALITA, 2008, p.168).

O autor enfatiza que essas relações amorosas ocorrem devido a um processo natural, ou seja, já faz parte da humanidade, e que apesar disso, é somente no decorrer da convivência com o outro, através da prática cotidiana das relações afetivas, que estes são incorporados e utilizados como instrumentos na vida em sociedade. Ainda conforme o autor, as necessidades afetivas e emocionais de valor e limites são supridas numa base familiar estruturada e sólida.

Partindo desse pressuposto, a família deve fornecer uma base concreta, onde as pessoas possam sentir-se amadas e seguras, possibilitando o desenvolvimento saudável. Os filhos sentindo-se seguros e amados poderão se desenvolver de forma saudável e adquirir maturidade emocional, sendo capazes de estabelecer relações estáveis, boas e íntimas com outras pessoas.

Até um tempo atrás — não faz muito tempo! — o modelo de família consistia em pai mãe — prole. Esse modelo de estrutura familiar era considerado ideal pelo modo dominante de pensar na sociedade e, por isso, bastante usado para classificar todos os outros modos de organização familiar como desestruturados, desorganizados e problemáticos. Nesta compreensão de família há, sem dúvida, um julgamento que não é científico, mas moralista, pois utiliza um padrão como referência e considera os outros inadequados. (BOCK; TEIXEIRA; FURTADO, 1999, p. 326).

As diversificadas formas de constituição familiar também influenciam no desenvolvimento afetivo e emocional deste indivíduo. Segundo os autores, o ser humano pode fazer parte ou nascer em uma família denominada tradicional, que envolve pai, mãe e filhos convivendo em um mesmo lugar chamado lar, ou ainda pode ser pais e mães divorciados, ou viúvos, que educam seus filhos sozinhos, ou mesmo fazer parte de um ambiente em que os pais cuidam de seus filhos acompanhados de um novo parceiro, que auxiliam na sua educação.

Há também muitas crianças que são criadas pelos avós, tios ou por outras pessoas. Na visão de Chalita (2008, p. 166), “[...] diferentes modelos são frutos de arranjo de demandas contemporâneas. Seja qual for a estrutura, todas necessitam de responsabilidade de que convoque pais/responsáveis e filhos ao exercício de suas funções”. Outro modelo de composição familiar que vem ganhando destaque no mundo atual é o que envolve casais homoafetivos, caracterizados por dois pais ou duas mães.

No que se refere à família, é necessário dizer que a historiografia brasileira nos leva a concluir que não existe um “modelo de família” e sim uma infinidade de modelos familiares, com traços em comum, mas também guardando singularidades. É possível dizer que cada família possui uma identidade própria, trata-se na verdade, como afirmam vários autores, de um agrupamento humano em constante evolução, constituído com o intuito básico de dispor a subsistência de seus integrantes e protegê-los. (BRAMBATTI, 2008, p. 05).

O vínculo de referência fundamental para o desenvolvimento afetivo do indivíduo ainda é a família, e independentemente de sua constituição, a figura do pai e da mãe ainda são os principais exemplos para sua identificação no mundo. Nesse sentido, os pais ajudarão também no aprimoramento e crescimento emocional saudável deste indivíduo. Pessoas afetivamente desenvolvidas possuem maior chance de torna-se adultos capazes de resolver conflitos, vivenciar frustrações e ter bom potencial de sucesso. (CHALITA, 2008, p. 166).

Corroborando a esse pensamento, Capelatto (2012, p. 69) afirma que existem muitos elementos que devem se fazer presentes durante a convivência familiar, que são primordialmente a presença afetiva, a capacidade de amar, estabelecimento de limites, diálogo quando possível, dentre outros. A família contribui de alguma forma na descoberta do porquê de existir. Os valores são regados em uma família que auxiliam no aprimoramento de habilidades de autodefesa e autoafirmação.

O vínculo, em seus aspectos biológico (o cordão umbilical), social (o grupo familiar e suas responsabilidades, inclusive legais) e afetivo (o acolhimento) é condição para o crescimento e desenvolvimento global da criança. Não há possibilidade de sobrevivência física e psíquica no desamor (BOCK; TEIXEIRA; FURTADO, 1999, p. 331).

A base da constituição das emoções e do entendimento de pertencer e de ter valor, de ser amado ou rejeitado é detectado através da análise das palavras, gestos ou ações. Este por sua vez é transmitido primeiramente pelos pais e reforçada pelos demais adultos com quem a criança vier a conviver, pois, mesmo antes de compreender a linguagem, o bebê sente.

Dando sequência a esta discussão, Castro (2012, p.52-53) reafirma que “Desde o ventre materno, a criança vivencia emoções. Em destaque, as cinco emoções básicas: amor, alegria, raiva, tristeza e medo. As atitudes mais significativas na vida da criança envolvem sentimentos”. Entende-se, portanto que, a ligação afetiva entre mãe e bebê começa bem cedo, e, durante a gestação a criança já passa a sentir todas as emoções e sentimentos, ou seja, desde a barriga a criança sofre influência das relações afetivas de sua gestora. Por esse motivo é aconselhável que as mães não se estressem ou passem raiva, uma vez que os bebês sentem o mesmo. Consequentemente, tais recomendações devem-se ao fato de que, desde a sua gestação a criança vai moldando seu comportamento.

Além disso, o ambiente familiar precisa proporcionar segurança e deve ser adequado para o desenvolvimento do ser humano, evidenciando assim que a afetividade está presente em todas as etapas da vida durante as relações sociais. No ambiente familiar, escolar, social e religioso, as relações vividas estão baseadas na afetividade e nos limites estabelecidos.

As primeiras relações afetivas ocorrem com a mãe no decorrer da gestação da criança, pois, após o nascimento, a criança passa a se envolver com diversas pessoas de sua família ou não, criando assim outras relações afetivas.

Ao ser gerado, nascer e ter os primeiros contatos com o mundo, o bebê tem a sensação de que a mãe e ele são a mesma pessoa. A partir das relações familiares (Pai, mãe, filho), é que o bebê começa a construir uma identidade, a ter visão de quem ele é, do valor que ele tem ou não tem. A relação afetiva que é construída a forma como este bebê é cuidado, amamentado, transmite uma mensagem para ele, seja negativa ou positiva. (CASTRO, 2012, p. 37).

De acordo com o autor, o cuidado, o aleitamento materno, o banho, são momentos que transmitem mensagens aos bebês, sejam de forma positiva ou negativa. Os comportamentos externos são reflexos dos sentimentos, e estes, por sua vez são criados devido às relações entre pessoas e o meio. A relação pais e filhos é primordial para o desenvolvimento da formação emocional e afetiva deste indivíduo.

Os bebês sentem quando são desejados e amados. Por isso é importante que os pais ou futuros pais possam compreender ao menos uma pequena parcela do que é o desenvolvimento infantil. Desde bebês os seres humanos captam mensagens de seus cuidadores, para Castro (2012, p. 41), “Estas mensagens podem ser transmitidas de forma inconsciente, com uma linguagem não verbal e afetam a personalidade humana, tanto quanto a mensagem verbalizada”. As ações sempre acarretam uma reação, por esse motivo os pais devem procurar tomar cuidado, pois tudo é transmitido à criança.

É nas relações entre as pessoas que a criança começa a criar dentro dela sentimentos dominantes, que serão manifestadas pelos comportamentos. O relacionamento mais importante para a formação desta base emocional, afetiva, é o relacionamento entre o filho e os pais. (CASTRO, 2012, p. 28).

Os seres humanos não conseguem viver sem o afeto dos familiares. É tanto que a característica principal para a constituição familiar são os laços afetivos entre

os indivíduos constituintes da família. É necessário que os pais demonstrem o amor pelos seus filhos, para que os mesmos saibam e sintam a segurança de um amor familiar. Pois, quando se é rejeitado de alguma forma o consciente ou inconsciente irá dar um alerta, e, como anteriormente citado, esses afetos possui um valor que será transmitido através dos cuidados.

Muitas vezes palavras afetuosas não significam necessariamente a expressão dos sentimentos. Estes se mostram na verdade através dos gestos e ações, onde revelam os sentimentos em relação ao outro. Desta forma, Castro (2012, p. 41) diz que, “muitos pais dizem todos os dias: ‘FILHO, EU AMO VOCÊ!’, mas, as suas ações e os seus gestos não confirmam estas palavras e, portanto, são palavras que não transmitem uma mensagem de amor”.

Essa reflexão nos leva a outro ponto importantíssimo, a questão da punição física ou castigos. Ainda segundo Castro (2012, p.44), “Quando um adolescente ou criança tiver uma atitude inadequada, ele deve ser afetivamente corrigido, inclusive com palavras”. Hoje em dia já existem leis que amparam a criança e o adolescente contra onde os pais aplicam uma punição física em decorrência da desobediência, ou seja, castigam seus filhos.

Essa ação retrógrada que não deve fazer parte da realidade da vida das crianças, uma vez que há inúmeros estudos que comprovam que educar os filhos afetivamente é o caminho mais eficiente para o desenvolvimento do ser humano.

A família, como lugar de proteção e cuidados, é, em muitos casos, um mito. Muitas crianças e adolescentes sofrem ali suas primeiras experiências de violência: a negligência, os maus-tratos, a violência psicológica, a agressão física, o abuso sexual. As pesquisas demonstram que, no interior da família, a principal vítima da violência física é o menino e, do abuso sexual, a menina. O pai biológico constitui-se no principal agressor. (BOCK; TEIXEIRA; FURTADO, 1999, p. 331).

A violência não é um fenômeno atual, infelizmente é um fenômeno universal. Atinge países ricos e pobres, podendo ser observado em todas as classes sociais. As diversas formas de violência que adentram o espaço familiar, e que, tomam proporções desastrosas, tomando outros segmentos da vida social, elaborando um enredo nas relações, destroem e contaminam os ambientes, transformando as pessoas. (CHALITA, 2008, p. 168).

Outro caso clássico de falta de atenção e orientação dos pais, é que muitos jovens acabam no caminho das drogas e seguindo o mundo do crime. Por isso é

necessário que os pais estabeleçam regras, limites, pois é na família que o indivíduo deve receber as informações. E se a família não estiver disposta a atender suas necessidades e suprir os esclarecimentos necessários, com certeza outros estarão, no entanto, talvez não tenham boas intenções. (REGIANATTO, 2013, p.05).

Todos esses problemas podem estar associados aos conflitos familiares, principalmente entre os pais. No que diz respeito à luta pela sobrevivência nas famílias mais pobres, ou mesmo a desunião motivada por disputas de poder nas famílias mais abastadas são causadores de sérios conflitos na infância, acarretando danos seríssimos no desenvolvimento emocional e cognitivo dos seres humanos, pois causam perturbações em todos os membros da família. Os filhos, nesse sentido só poderão ser felizes se os pais o forem.

Pais áspers cobram com agressividade comportamentos que fogem da sua expectativa, mostram baixa manifestação de afeto, são incapazes de reconhecimento e elogio. Seus filhos acabam por apresentar baixa estima, sentem-se culpados, buscam esconder o medo dos desafios, ora mostrando conduta obediente e passiva, ora rebelando-se e mostrando explosões emocionais sem motivo aparente. (SOUSA, 2012, p.08).

Nesse contexto, o autor afirma que, as crianças ao perceberem as confusões e insatisfações diárias dos pais podem manifestar-se das mais diversificadas maneiras, dentre elas, o surgimento das dificuldades de aprendizagem, que vem gerando gravíssimos problemas para o seu desenvolvimento. É notória a relação da ligação entre dificuldades de aprendizagem a fatores emocionais que surgem nas famílias. As dificuldades que a criança encontra na aprendizagem da leitura, escrita, linguagem e fala, podem ser consequências de fatores emocionais.

É importante ressaltar que a autoestima é fundamental para a realização pessoal, profissional e social de cada indivíduo, e isto só irá se desenvolver a partir de atos de afeto vivenciados no seio familiar. Existem de fato diversos problemas familiares, estes por sua vez fazem com que muitas famílias se estabeleçam em uma estrutura frágil, como é o caso da insegurança. Crianças e adolescentes que são criados em famílias onde impera a insegurança terão que enfrentar problemas de ordem social e afetiva, como por exemplo, a baixa autoestima. (CASTRO, 2012, p.48).

No que tange à família, não existe nenhum manual pronto que indique estratégias específicas de como educar os seus filhos.

Talvez imaginem que seriam melhores pais e mães se estivessem um manual que lhes indicasse o que deve ser feito com o filho a cada momento. Acredito que ainda não se escreveu tal manual. Afinal, como as particularidades de cada um dos milhões de filhos existentes no mundo poderiam caber em regras preestabelecidas por alguém? (TIBA, 2007, p. 134).

Esses são um dos muitos argumentos de pais e mães para justificar a dificuldade de educar os filhos. No entanto, só a partir da convivência e observações das especificidades dos indivíduos que se pode adquirir os conhecimentos básicos do relacionamento com os filhos e compreender sua linguagem, aprendendo e identificando a subjetividade de cada família.

É comum os pais se decepcionarem ao perceber que falharam em algum aspecto da educação de seus filhos. Por diversas vezes sentem-se culpados por acreditar que o erro foi deles no momento da educação dos filhos, uma vez que ofereceram tudo o que estavam ao seu alcance para agradá-lo, e provavelmente este tenha sido o real problema. (CHALITA, 2008. p. 170). Os pais fazem de tudo por seus filhos, por sua vez, tentam dar o melhor de si em suas tomadas de decisões, sempre procurando o melhor caminho para seus filhos.

[...]. Toda palavra provoca transformação interna; quando positiva, contribui para que a criança e o adolescente encontrem equilíbrio, confiança, autoconfiança e autoestima para reagir de modo saudável às frustrações da vida. Quando negativa, pode deixar vazios que talvez jamais venham a ser preenchidos positivamente ao longo da vida. (CHALITA, 2008, p. 172).

Ainda segundo o autor, as crianças possuem sentimentos, isto é inegável, pois elas sentem intensamente cada emoção e expressam a uma maneira peculiar de ser. Tem a incrível habilidade de conhecer coisas boas e distinguir das ruins. No entanto deixa-se de observar esses pontos, pondo-os de lado. Regianatto (2013, p. 06) nesse sentido, contribui assegurando que a família necessita demonstrar incansavelmente aos filhos a sua importância através de gestos de amor e carinho. Isto se caracteriza como estímulo para que os mesmos se sintam seguros e felizes.

De acordo com o pensamento de Chalita (2004, p.25), a família tem uma árdua missão, pois a convivência cotidiana causa desgaste em todas as relações, isto é, se não houver criatividade ou dinâmicas de interação, torna-se penosa, por isso é preciso o amor.

Conhecer os conceitos, os aspectos teóricos do desenvolvimento afetivo e cognitivo, assim como a relação afetiva familiar enfocada neste estudo é fundamental para o educador preocupado com sua ação pedagógica. No entanto, por diversas vezes faltam-lhes outros elementos para subsidiar suas práticas, sobretudo para poder desenvolver as relações afetivas com seus alunos. Por isso, no capítulo a seguir serão discutidos alguns aspectos que poderão ajudá-lo nesse sentido.

2 A CONSTRUÇÃO DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

2.1 A ESCOLA COMO AMBIENTE AFETIVO

A escola é a extensão do lar, conseqüentemente há um aprimoramento no desenvolvimento emocional e afetivo das crianças. Segundo Capelatto (2012, p.61), a escola é o quintal de casa, dá a educação formal, mas deve manter as características de casa. Por isso, ao estar na escola, a criança deve sentir-se segura e acolhida, assim como no ambiente familiar. Por esse motivo é que os colaboradores da escola devem proporcionar essa sensação de acolhimento, pois a todo instante são transmitidas mensagens, verbais ou não verbais, através do cuidado da escola para com o aluno.

Dessa forma, a criança ao ir para escola não precisa sentir temor, pois esta experiência deve propiciar a evolução e amadurecimento do pensamento, logo o único sentimento que a escola deve transmitir à criança é de segurança, de ser querido, de confiança, de não ser julgado e de ser sem dúvidas, respeitado em todos seus aspectos. (CASTRO, 2012, p. 72).

Ao chegar à escola e ouvir a famosa frase “Seja bem-vindo!”, o aluno, acredita ser desejado naquele ambiente. As boas vindas e a boa receptividade transmite um sentimento de amor. A mesma deve ser repassada todos os dias na chegada e na saída do aluno. O que por vezes não ocorre no cotidiano escolar, isto pode estar associado pelo acúmulo de tarefas ou a insatisfação com o trabalho, pois em inúmeras ocasiões os colaboradores da escola ficam a desejar no aspecto da receptividade com os alunos, o que gera a falta de interesse em estar neste ambiente, uma vez que o acolhimento deve ocorrer desde o portão até a sala de aula.

A escola é um lugar que reúne muita gente. Diferentes olhares, gostos e caprichos, talentos, sentimentos, sonhos, necessidades, histórias de vida. E esse lugar tão especial também guarda uma missão igualmente especial: fazer toda essa gente feliz, com princípios de justiça e equidade social. Essa missão pode parecer óbvia, mas não é nada simples, pois cada pessoa tem sua maneira peculiar de ser feliz. Todavia, desejam ser felizes, mas ninguém alcança a felicidade sozinho. Um depende do outro e o outro de cada um. (CHALITA, 2008, p. 201).

A escola é um rico lugar para a socialização, onde os vínculos afetivos possuem indispensável valor. A escola que não considerar os aspectos sociais e humanos da sua contribuição na sociedade correrá risco de não ser bem-sucedida, não realizando assim, seu maior objetivo, que é desenvolver cidadãos plenos, consciente de seus direitos e deveres na sociedade. Por isso a escola deve atentar-se que o aluno possui a necessidade de conviver, estabelecer relações e adquirir conhecimento. (CUNHA, 2012, p.41).

Segundo Paula e Faria (2010, p.05) é essencial enfatizar que o sucesso e o fracasso no desenvolvimento da aprendizagem das crianças são influenciados por diversos fatores, sendo estes, o acolhimento na escola através dos colaboradores, o relacionamento com os colegas de classe, além do ambiente físico escolar.

O amor e atenção que a criança precisa receber na escola através do acolhimento dos colaboradores, deve possuir a mesma essência da base familiar, porém, manifesta-se diferentemente, uma vez que em casa a atenção é voltada especificamente para um número limitado de crianças, Entretanto, na escola este amor é mais elástico, por conta do alto número de alunos, mas, ainda sim, deve possuir uma doação de tempo, uma preocupação sobre como está a vida escolar, as notas, se o aluno alimentou-se, pois dessa maneira, fica evidente para o aluno quão importante ele é ao estar na escola, ao notar que outras pessoas se preocupam com ele, além dos membros da família. Ou seja, é necessária uma doação, uma entrega e dedicação real da escola para com as crianças.

Hoje, a escola ocupa grande parte da vida de seus alunos. Ensina técnicas, valores e ideais, ou seja, vem cada vez mais substituindo as famílias na orientação para a vida sexual, profissional, enfim, para a vida como um todo. A escola está preparada para essa tarefa? (BOCK; TEIXEIRA e FURTADO, 1999, p.354).

Este questionamento traz reflexões acerca das novas funções dos colaboradores das instituições escolares. É evidente que com a modernização e o avanço tecnológico na sociedade uma pessoa não é atribuída apenas de uma função, pelo contrário, para manter-se no mercado de trabalho deve-se exercer mil e uma tarefas. Por esse motivo, a escola tende a modernizar-se cada dia mais, tratando de assuntos nunca abordados anteriormente, como é o caso da orientação sexual.

Para tal direcionamento, todos os colaboradores diretamente ligados aos alunos devem passar por capacitação, formação continuada, não somente em suas áreas de atuação, mas como também em outras áreas que envolvem toda instituição escolar, como por exemplo, o relacionamento interpessoal na escola, uma vez que o contato do aluno começa desde o vigia no portão de entrada, assim como os gestores, professores, merendeiras, serventes, pessoal da secretaria e colegas de sala de aula.

Para Chalita (2004, p. 180) a figura do diretor da escola é de grande importância para as características de uma escola afetiva, posto que como líder, precisa conhecer a fundo seus alunos, portanto estar presente nos intervalos, ir até as salas de aulas, conversar com os mesmos, chamá-los atenção se necessário, identificar e solucionar problemas corriqueiros, promovendo um ambiente agradável, onde o aluno não tenha medo.

O acolhimento em determinado ambiente pode definir toda a vida de uma pessoa. Especificamente na escola, aluno e funcionário não são apenas mais um. É preciso, urgentemente, se trabalhar a individualidade dos que compõe a comunidade escolar. Mas isso não é sinônimo de ignorar conflitos e dificuldades; aceitar significa respeitar e criar condições para que se efetive o trabalho pedagógico e educativo. (PACHECO, 2014, p. 10).

A escola constitui um importante local de troca, de obtenção de informação e de aprendizado. É na escola que se formula grande parte das respostas e das perguntas necessárias à compreensão da vida, da sociedade e do cotidiano. De acordo com Bock, Teixeira e Furtado (1999, p.357) na escola pode-se aprender que nem todas as pessoas pensam e agem da mesma forma e que essa diferença no modo de pensar e agir deve ser valorizada por todos. Muito do aprendizado para o trabalho acontece no ambiente escolar.

Ao chegar à escola, a criança ou adolescente apresenta-se com grandes expectativas em relação ao ambiente, ao conteúdo a ser estudado e principalmente à figura do professor, aquele que irá mediar esse processo de integração escolar. Provavelmente o professor tem grande parcela de culpa quando o aluno não gosta de ir à escola, isto ocorre devido à falta de um bom relacionamento afetivo. Quando percepção inicial é positiva, cria-se vínculo e parcerias que irão nortear todo o processo de ensino e aprendizagem e de desenvolvimento humano. Visto que a

relação professor-aluno é bem mais abrangente do que se imagina, merece por si um tópico específico logo abaixo.

Quando o aluno sente que é importante e valorizado, desenvolve um carinho e uma atenção por aquilo que está recebendo e sentindo, presta mais atenção às aulas, torna-se mais participativo. O afeto tem esse poder: derrubar muralhas emocionais, romper bloqueios psicológicos, promover um bem-estar no aluno, e até mesmo evitar que o mesmo fique à mercê de mazelas sociais. (PACHECO, 2014, p. 11).

Um ambiente agradável também influencia no desenvolvimento da aprendizagem e na interação social. Um espaço educacional que não dispõe dos recursos mínimos para a execução de um bom trabalho gera consequentemente, pessoas frustradas, exaustas e sem paciência para com os percalços do dia-a-dia. Em relação ao aluno, nota-se, a falta de interesse nas atividades escolares, pois se sentem obrigados a permanecer neste local, o que torna tudo mais desgastante, tanto o ensino quanto a aprendizagem.

Por esses fatores o desejo de pertencer a determinado local, como no contexto escolar está relacionado à estrutura física do ambiente, que por sua vez pode não estar adequado para tal acolhimento. De nada adianta ter profissionais afetuosos e não estar inserido em um local adequado para desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos indivíduos ali presentes, logo é evidente que interfere diretamente no trabalho dos funcionários da instituição e no desempenho escolar dos alunos.

Obviamente, lutamos para termos locais adequados e em condições de trabalho. Escolas conservadas e bem equipadas, com currículos atual, pessoal e bem preparado. Mas, quando observamos ao nosso redor as dificuldades que tantos docentes enfrentam e a qualidade da atenção que é dispensada à educação neste País, sentimo-nos bem-aventurados quando encontramos salas com alguns recursos e em condições para a prática pedagógica. (CUNHA, 2012, p. 80).

Por este motivo que a estrutura física escolar deve ser um lugar agradável onde os alunos desfrutem da companhia uns dos outros, para que possam desenvolver com êxito atividades extraclasse, brincadeiras, palestras, projetos. É importante que os alunos sintam o desejo de querer a todo instante estar na escola. Sobre esta afirmativa, é necessário que a escola possua os recursos mínimos, mas imprescindíveis para realização de tais desejos, que são estes: espaço limpo e

adequado para desenvolver as atividades, climatização, água limpa e de boa qualidade, e ainda, dispor de uma nutritiva merenda escolar, para que a criança eleve seu desempenho de aprendizagem, realizando todas as suas atividades escolares, pois fatores externos como os mencionados anteriormente influenciam no processo ensino-aprendizagem.

Em relação à climatização do ambiente escolar, é evidente que estar em sala de aulas quentes, mal iluminadas, desconfortáveis desestimula professores e alunos, que, por sua vez não se sentem à vontade de permanecer nestes ambientes, no qual são desfavoráveis para a aprendizagem. Por isso é necessário a manutenção e aquisição de equipamentos de climatização, estes dependem ainda do bom manuseio dos usuários. Parte desses requisitos depende de questões políticas, ou seja, de olhar mais afetuoso por parte dos gestores públicos para escolas carentes que necessitam de equipamentos, locais higienizados, que trazem uma sensação confortável de bem-estar, e ainda o professor possuir o material didático adequado para a realização de um bom trabalho.

Mais do que palestras e debates isolados, é preciso construir coletivamente uma ação que fortaleça o conceito de respeito e de amizade entre os integrantes do processo educativo. A arte é um bom caminho. Filmes, peças de teatro, textos literários, contação de histórias podem ajudar a semear bons valores. O segredo está, assim, no processo, na continuidade e principalmente na parceria e no envolvimento dos diferentes grupos. [...] A violência não tem espaço próprio, ela só ocupa os ambientes que a amizade não ocupou. Logo, o cultivo das relações faz que ela deixe de existir. (CHALITA, 2008, p.197).

A partir desta compreensão é notório que a função da coordenação pedagógica com as problemáticas do cotidiano escolar deve ser encarada por todos os grupos de trabalho no ambiente educacional, assim sendo, trabalhar os temas como *bullying*, violência, abuso sexual, além de valores, sentimentos, ética, cidadania dentre outros.

A prática do *bullying* entre os colegas de classe afasta muitos dos alunos da escola, pois não há se quer um indivíduo que goste de estar presente em um local onde sofre preconceito, ameaças, intimidações e brincadeiras de mau gosto. Por isso trabalhar os valores na escola é um dos principais instrumentos da coordenação pedagógica, tendo em vista que envolve toda comunidade escolar e busca transformar a realidade educacional em relação a essas questões. Por esse motivo o trabalho com projetos sobre relacionamento interpessoal, a amizade, a família, o

respeito que aos poucos pode contribuir para a sensibilização e a reflexão da prática de jovens e adolescentes.

Encontros e reuniões periódicas entre os profissionais da escola podem servir para organizar as ações, ampliar os conhecimentos sobre o assunto, compartilhar informações e propostas, reavaliar as estratégias, acompanhar os avanços, e fortalecer os vínculos dos envolvidos. As propostas cooperativas e coletivas costumam ser eficientes e produzir resultados positivos. (CHALITA, 2008, 204).

O diálogo é uma intervenção simples que pode ser desenvolvida por todos os colaboradores do estabelecimento de ensino. Uma boa conversa sobre os assuntos em destaque, como o caso acima mencionado, informando sobre a necessidade de manter o respeito pelas diferenças, faz com que se reflita sobre como deveria ser o real clima da escola, principalmente se todos se sentirem felizes, seguros e respeitados. Faz-se necessário ainda, que a escola possua professores afetuosos que se preocupem com o bem-estar dos alunos, gestores que se dedicam na integração família e escola, para que estas instituições de suma importância possam transformar a consciência da sociedade.

Cabe ressaltar que a falta de afeto, o distanciamento, a falta de compreensão, o egoísmo não é algo que irá acabar do dia para a noite, pois está enraizado na mente dessa sociedade que surgiu com preconceito e discriminação social. É evidente que todos esses fatores influenciam a conduta afetiva, que consequentemente interfere no processo de ensino-aprendizagem do aluno, gerando indicadores para a sociedade em resposta ao que recebe no ambiente escolar.

Quando professores, funcionários e pais se unem, geram modelos de cooperação e solidariedade para crianças e jovens. Essa simples iniciativa já produz resultados agradáveis e transformadores. E a escola precisa ser agradável [...] (CHALITA, 2008, p. 204).

Por vezes, a falta de incentivo dos colaboradores da escola faz com que um aluno desista da sua educação formal e siga outros rumos da vida. Acredita-se que a palavra transforma o mundo, e se um desses profissionais da escola tratasse com afetuosidade e compreensão alunos que passam por dificuldades, sejam essas na vida escolar ou familiar, poderiam através de uma simples conversa minimizar muitos conflitos e contribuir com esses seres em desenvolvimento.

Fazer parte de um ambiente afetivo que contribui e agrega na vida da comunidade escolar faz com que o trabalho desenvolvido neste local tenha êxito. É evidente quando uma escola se destaca por ser unida nos aspectos gerais do desenvolvimento humano superando o seu objetivo inicial. A satisfação dos colaboradores em estar realizando um bom trabalho, dando o seu potencial no aprimoramento das crianças e adolescentes não tem como mensurar. A maior recompensa não é através do salário que recebem mensalmente, mas sim na satisfação de ter realizado um bom trabalho, de aproximação da família e da escola, no desenvolvimento intelectual, afetivo, moral e ético de um futuro cidadão da sociedade.

O primeiro problema é que a escola perdeu sua característica mais importante, que é ser um lugar de educação. A escola não é um lugar só de aprendizagem, a escola deveria ser também o lugar onde as crianças, os adolescentes ganham continuidade do lugar afetivo que é a família, onde têm a possibilidade de socializar-se com ajuda e a supervisão de alguém, da pedagoga ou da psicóloga da escola. (CAPELATTO, 2012, p. 62).

Há hoje em dia um grande déficit na humanização dentro da escola. Aos poucos as escolas vêm perdendo seu caráter afetivo, dando lugar aos grandes processos e burocracias que cada dia mais tem se tornado um verdadeiro fardo para a escola, perdendo evidentemente seu verdadeiro objetivo. Algumas escolas necessitam perceber quão valioso é a realização de um trabalho mais humanizado, de preocupação uns com os outros, das trocas de experiência, de saber que pode contar com o outro.

Para Cunha (2012, p. 85), o ambiente escolar precisa ser para os alunos tão atrativos quanto um vídeo game. Parece ser difícil, mas o espaço educacional precisa ser mais humanizado com compreensão e entendimento, com atividades que possibilitem uma dinâmica com a participação ativa de todas as pessoas que englobam a escola, nutrindo assim um surpreendente interesse pelo aprendizado.

[...] a escola é quem melhor pode promover a vida, de vivência plena, experimentação sem desperdício, expressando o valor da coletividade na individualidade de cada um, participando do cotidiano e produzindo conhecimentos por meio do afeto. (CUNHA, 2012, p. 30).

A escola deve ser a promotora da afetividade, seja esta por meio do incentivo, do apoio ou do aconselhamento. Pequenas atitudes podem fazer a diferença para

crianças ou adolescente que chegam à escola, desmotivados e desanimados, fechados para as oportunidades de aprendizado. A escola deve entender que todos os dias várias mentes e corações pedem socorro e clamam por atenção na esperança de buscar um motivo para ter alegria de viver e de aprender.

2.2 A AFETIVIDADE NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

A prática pedagógica é entendida como ação do professor em sala de aula, assim, segundo Cunha (2012, p. 91), as práticas pedagógicas requerem uma dinâmica afetiva do professor com seu aluno, posto que a inteligência humana não agrega apenas aspectos cognitivos, mas também emocionais. Dessa forma é necessário que o professor evidencie mais desejo e prazer em ensinar e estar em constante busca de alternativas às dificuldades da aprendizagem do aluno.

O autor ainda alerta que, um dos primeiros cuidados do educador deve ser o de preparar atividades atraentes. Como explanado anteriormente é verdade que nem todos encontram espaços físicos condizentes para a prática educacional, no entanto, nem sempre um ambiente preparado e com recursos representa um espaço adequado, porque o ambiente compreende também as relações afetivas entre os que ali trabalham.

A importância e a sutileza das relações afetivas nas práxis dos professores são defendidas por Ribeiro (2010, p. 406) no qual afirma através de seus estudos que a afetividade pode instigar ou dificultar o processo de aprendizagem dos alunos. Por um lado, a ausência desse fator aparece como a principal fonte de dificuldades da aprendizagem das crianças e adolescentes. Por outro, a sua presença favorece a relação do aluno com as disciplinas do currículo e com o professor, e garante consequentemente, melhores rendimentos nos estudos.

A professora Elizabeth ensina matemática. Apesar de o assunto parecer refratário para a maioria, ela conquista os alunos que assistem às suas aulas, utilizando os materiais didáticos e a sua paixão pela matemática. Em alguns momentos, eles permanecem tão compenetrados que, apenas por perguntas pertinentes de evidente interesse, o silêncio será quebrado. Frequentemente, ela usa exemplos do cotidiano para que eles identifiquem as questões matemáticas nas experimentações da vida diária. (CUNHA, 2012, p. 90).

Considerando os aspectos mencionados é impossível o professor educar bem seu aluno sem antes conquistá-lo por diversas formas que compõe sua prática educativa. É necessário que o professor tenha conhecimento do conteúdo a ser passado, goste do que faz e saiba qual a importância desse conhecimento para a vida desse aluno, além de utilizar exemplos que fazem parte do cotidiano do aluno, para facilitar o entendimento. Somente assim será capaz de fazer com que o aluno tenha interesse em aprender e sinta prazer nesse ato, através disto evidencia-se ainda o respeito que os alunos têm para com a professora em sala.

A dedicação e amor ao ensinar fazem com que os alunos tenham dedicação e empenho em aprender, seja a matéria que mais o aterroriza em toda sua vida escolar, como o exemplo acima citado, no entanto quando encontra alguém disposto a mostrar o prazer em aprender não existem barreiras que o impeça. E mais, que facilite o aprendizado utilizando exemplos cotidianos que fazem parte da realidade daquele aluno, pois nem tudo que está presente nos livros didáticos fazem relação com o dia a dia dos alunos. O aluno necessita entender o que aquilo significa para sua vida para somente depois entender a lógica das operações.

Outro professor, que é conhecido entre os alunos pelo cognome “Sargento Garcia”, depara-se com a desordem da classe: à surdina, borrachas são atiradas, pedaços de giz são jogados ao alto, aviõezinhos de papel alçam voos e aterrissam. Tudo acontece durante as aulas, sem que ele consiga pegar o responsável. Recorrências à sua fala de tom monocórdio e uma resposta da classe à dispersão e ao desinteresse. Ele não possui segurança no conteúdo da sua matéria. Não há segurança porque não estuda, porque não ama. Os resultados recaem sobre os alunos. Das suas aulas, pouco é conhecido do conteúdo, a não ser que ele explique e poucos aprendem. (CUNHA, 2012, p. 90).

A partir do exposto, nota-se que esses dois momentos podem existir numa mesma classe, no entanto, o que torna diferente os momentos não é o espaço, mas a prática docente. De forma completamente diferente, ambas atuações afetam a classe, sendo uma com efeito positivo e outra negativo. No primeiro caso, os alunos são convidados a descobrir o prazer pela disciplina, pois os mesmos evidenciam a dedicação que a professora tem pelo seu trabalho, além da forma como coloca as questões, envolvendo e instigando o pensamento do aluno de acordo com a sua visão cotidiana.

De acordo com Chalita (2004, p. 140) por vezes algumas turmas são taxadas como indisciplinadas, sendo que na verdade, os alunos são indisciplinados com

alguns professores. Quando isto ocorre é necessário que o professor reveja sua relação com o grupo e analise a sua prática, utilizando se necessário o diálogo com a turma, para que se evidencie a raiz do problema. Ninguém é indisciplinado à toa, provavelmente, a turma perdeu o interesse em aprender, pois o professor perdeu o desejo de ensinar. Antes mesmo de julgar os alunos, o professor deveria refletir sobre a forma como tem trabalhado em tal turma.

Controlar a turma não significa dizer que o professor deve ser rigoroso, ou que os alunos devam temê-lo, mas existem outras formas de dominar a classe, seja através do respeito, admiração, do carinho, da atenção, do envolvimento e do comprometimento do professor com a classe, e de todos com o aprendizado. Pois o professor também aprende ensinando, sendo o processo de ensino e aprendizagem uma via de mão dupla. Segundo Brust (2009, p. 27) o professor “[...] ensina, porém, seu aluno também possui saberes que o professor nem sempre possui. Fica assim caracterizado o movimento da troca”.

Através de um planejamento prévio o professor pode diagnosticar o clima do ambiente através do conhecimento prévio do que os alunos entendem sobre os sentimentos, o relacionamento interpessoal, manifestações dos estados de ânimo, além da amizade como elemento gerador de sentimentos agradáveis, possibilitando a intervenção nos estados de ânimos próprios ou alheios. (MORENO *et al*, 1999, p. 59).

Ter conhecimento prévio do assunto a ser explanado evidencia ao aluno pleno domínio do tema a ser estudado, o que também passa segurança aos mesmos. Imagine que ao entrar numa classe o aluno se depara com um professor como citado anteriormente, onde não possui domínio de classe, porque simples e puramente os alunos percebem que o mesmo não domina nem o conteúdo e não busca modificar a metodologia aplicada na sala de aula. Por isso a baderna, as brincadeiras, a falta de respeito. É nítido ainda que muitos professores do contexto educacional brasileiro venham tornando-se um “Sargento Garcia”, pois ficam estagnados em suas graduações, não procuram atualizar-se em busca de novas práticas, e, principalmente não tem amor e dedicação pelas vidas aqui dependem dela na sala de aula.

Engana-se quem pensa que promover o aprendizado é tarefa fácil, é necessário fazê-lo com amor. Para Cunha (2012, p. 91), quem ensina precisa fazer com amor para que instigue o amor de quem aprende, dessa forma há fixação do

que é ensinado, o que é chamada pedagogia afetiva. Portanto, a afetividade faz com que professores e alunos constituam uma melhor relação educativa, favorável, logo, há a aprendizagem dos conteúdos escolares.

As relações entre professores e estudantes podem contribuir para a melhoria de atitudes positivas em relação ao conteúdo das disciplinas escolares e aos professores que as ministram. [...] os alunos demonstram maior interesse pelas disciplinas cujos professores mantêm uma relação amistosa com eles, fazem-lhes elogios, incentivam-lhes, trocam ideias sobre seus deveres e questionam sobre suas vidas, demonstram afeição ou, ao menos, não são agressivos. (RIBEIRO, 2010, p. 404).

Fica evidente na fala do autor que os alunos gostam mais das disciplinas ministradas por professores com os quais melhor se relacionam, pois a metodologia utilizada por tais profissionais influenciam a motivação, a participação e a dedicação nos estudos. Portanto, motivar um estudante é uma questão de técnica, mas depende da relação que é estabelecida entre quem ensina e quem aprende.

O professor deve ter na sua metodologia, um papel fundamental, de mediar e guiar as aprendizagens e não de simples transmitir conhecimentos. É necessário enfatizar que não existe nenhuma matéria chata. Mas, existem professores que faz com que as aulas sejam cansativas, demasiadamente longas e chatas em virtude da forma como está aplicando tal assunto. A maneira de tratar qualquer área do conhecimento, por mais desafiadora que seja, depende da didática, da estratégia metodológica e da prática do professor, que pode ser bem envolvente e estimuladora, despertando interesse dos alunos, sejam estes através de jogos, trabalho em grupos, competições, exposições. Cabe ao professor criar uma infinidade de recursos e possibilidades de transformar sua aula em sessões agradáveis e atrativas.

Inicialmente sua função é despertar inquietude, provocar a pergunta, incitar a curiosidade, para logo criar a contradição que ponha em cheque a resposta dada, conduzindo à descoberta de soluções mais adequadas. Somente quando os alunos são incapazes de encontrar por si mesmo uma resposta ou solução adequada, os professores intervêm na situação, mas sem tentar substituí-los em sua tarefa de pensar. (MORENO *et al*, 1999, p. 57).

A metodologia educacional a ser adotada pelo professor deve estar em consonância com as áreas curriculares, através do planejamento prévio, de suas atividades pautadas na afetividade, o professor pode englobar, por exemplo, na

Língua portuguesa e Literatura a construção e significado das palavras, ou mesmo a expressão verbal ou escrita dos sentimentos e experiências, enriquecendo o vocabulário. Na disciplina de Artes, por exemplo, o professor deve ter cuidado ao observar a expressão dos sentimentos dos seus alunos através dos desenhos, encenação teatral ou musical. Por isso, os aspectos cognitivos e afetivos da personalidade não formam naturezas antagônicas. É inconveniente voltar à educação exclusivamente para um deles, excluindo o outro.

Segundo Molon e Santos (2008, p. 07) é um desafio unir disciplinas que oportunizam maior flexibilidade para um extravasamento das emoções, como por exemplo, arte, língua portuguesa e educação física, expressando os sentimentos através dos desenhos, da fala e da escrita e dos movimentos do corpo, com disciplinas da área das exatas, como o caso da matemática, que atribui um distanciamento entre a pessoa que ensina e a pessoa que aprende.

Depois dessa primeira atividade de comunicação oral, seguem-se outras que requerem utilizar diferentes linguagens – expressão corporal, dramatização, desenho e escrita. Por meio dessas atividades, alunos e alunas explorarão formas variadas de manifestar suas ideias e seus sentimentos. (MORENO *et al*, 1999, p. 51).

O diálogo é uma forte ferramenta pedagógica, pois é através da conversa que o professor consegue resumir as opiniões expressadas pelos alunos, para que todos estejam cientes das suas considerações, desejos e anseios em relação à classe, a disciplina e ao professor.

Para Chalita (2004, p. 138) não é possível utilizar a mesma metodologia com uma turma ao longo dos anos, por isso espera-se que o professor possa revisar com frequência seus métodos educacionais, pois é muito cômodo para o professor afirmar que a culpa do fracasso escolar é dos alunos. No entanto, temos visto atualmente que o desafio estar na mão dos professores uma vez que o mundo não é estático, tudo muda o tempo todo, por isso o professor deve também modificar a forma como ministra suas aulas.

Não existe matéria mais ou menos importante. Todas elas precisam ser ministradas de igual maneira no sentido de formar plenamente o aluno. Cada matéria tem seu grau de responsabilidade na formação comum de um cidadão. (Ibidem, p. 147).

Na aprendizagem escolar, a relação entre professores, alunos, matérias escolares, livros didáticos e escrita, não acontece somente na área cognitiva, existe uma base afetiva rodeando essas relações, uma vez que, é necessário um vínculo de confiança entre quem ensina e quem aprende. Buscar, portanto, uma maior aproximação afetiva com o aluno, principalmente através do diálogo e até mesmo, citando seu nome algumas vezes e fazendo perguntas, entre outras manifestações de interesse, mostra ao aluno que o professor o observa e que deseja ver o aluno se superando, faz com que se sinta importante e querido. É de certo uma atitude afetiva, e faz o aluno se sentir motivado para realizar as atividades escolares.

Os sentimentos podem constituir uma ponte de ligação privilegiada entre o conhecimento cotidiano, que se experimenta dia a dia, e o conhecimento acadêmico, que se apoia numa série de procedimentos e técnicas de reflexão sobre algumas parcelas da realidade que nem sempre estão próximas dos interesses do alunado. (MORENO *et al*, 1999, p. 46).

De acordo com o autor, a prática pedagógica afetiva interfere no desenvolvimento educacional, assim sendo, é notório que por vezes muitos alunos em qualquer série ou ano de ensino tem maior desempenho em disciplinas em que tem boa relação com o professor, onde se sente à vontade para expressar suas ideias em relação às atividades, à metodologia, onde existe realmente uma troca de saber, evidenciando a parceria entre a turma e o professor.

Nesse contexto, cabe ao professor tornar suas aulas atrativas, estimulantes, empolgantes e motivadoras, a fim de seduzir o aluno no desejo de aprender. Os jovens têm curiosidade pelo novo, de outra forma, não se interessam nas disciplinas ou na forma como ela é ministrada pelos professores.

O estabelecimento de condições adequadas para a interação não pode estar pautado somente em questões cognitivas. Os aspectos emocionais e afetivos são tão relevantes quanto os cognitivos, principalmente para os alunos prejudicados por fracassos escolares ou que não estejam interessados no que a escola pode oferecer. A afetividade, o grau de aceitação ou rejeição, a competitividade e o ritmo de produção estabelecidos em um grupo interferem diretamente na produção do trabalho. (BRASIL, 1997, p. 64).

Em qualquer ocasião, o primeiro passo para adquirir a atenção do aluno é o afeto, sendo o elemento facilitador da atenção do aprendiz. Ultrapassa portas jamais abertas antes, ou seja, irrompem lugares que, muitas vezes, estão fechadas para as possibilidades acadêmicas. Levando em consideração o grau de dispersão da

atenção, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos no ambiente escolar, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor de forma mais eficaz do que o afeto.

Na atualidade, a docência é concebida como ação complexa que exige dos professores, além do domínio do conteúdo específico, capacidade em motivar e incentivar os estudantes, atenção a suas dificuldades e ao seu progresso, estímulo a trabalhos em grupos visando a cooperação e a busca solidária na resolução de problemas, escuta ativa e respeito às diferenças, reconhecendo a riqueza da diversidade cultural dos estudantes sob todas as suas formas, dentre outros aspectos. A afetividade joga um papel importante na motivação dos estudantes diante das disciplinas do currículo, dos professores que as ministram e, conseqüentemente, da aprendizagem escolar. (RIBEIRO, 2010, p. 410).

Neste sentido desenvolver-se afetivamente, está associado ao incentivo, às motivações, à autoestima, à sensibilidade e as atitudes em sociedade, vinculando estes atributos a importância do resultado dos trabalhos desenvolvidos e das atividades alcançadas. Por vezes, a afetividade é ignorada, sendo posta de lado nos cursos de formação continuada, o que parece um absurdo uma vez que a educação permeia as interações humanas, sendo o afeto um dos fatores deste envolvimento.

De acordo com Regianatto (2013, p. 09), o professor ao valer-se do afeto no ato de ensinar, consegue modificar a escola num lugar acolhedor e propício para o desenvolvimento cognitivo, físico, ético, estético e social. Aspectos esses considerados necessários para a formação básica e para o exercício da cidadania uma vez que, incentiva o aluno a aplicar-se na busca e avanços significativos a cada dia que passa.

O caráter pedagógico da prática educativa se verifica como ação consciente, intencional e planejada no processo de formação humana, através de objetivos e meios estabelecidos por critérios socialmente determinados e que indicam tipo de homem a formar, para qual sociedade, com que propósitos. (LIBÂNEO, 1994, p. 25).

Partindo desse pressuposto, entende-se que o professor deve assumir na sala de aula uma postura condizente com a realidade educacional. Nesse sentido, a sua práxis deve ser meticulosamente planejada a fim de evitar mais contravenções, ou seja, tomar para si uma prática baseada no afeto é o primeiro ponto para evitar o fracasso dos alunos. Estando em contato com o aluno, motivando positivamente, facilita o processo de aprendizagem, levando em consideração esses aspectos

tornam este processo menos tedioso. Há a necessidade do aluno dedicar-se mais nas atividades realizadas em sala de aula, além do professor sentir o desejo de permanecer em sala com sua turma.

Dentre tanto outros fatores, o afeto entre professor e aluno pode influenciar também o processo de avaliação, levando em conta que alguns professores acabam permitindo que problemas pessoais influenciem suas decisões na hora de avaliar, tanto positiva como negativamente. Ou seja, o professor deve ser imparcial neste momento, pois se avaliar positivamente o aluno, dando-lhe benefícios sem ao menos ter se empenhado na resolução das atividades propostas, está evidente o erro, se negativamente o aluno acaba sendo com o sentimento de injustiça e desmotiva-se, mesmo tendo se esforçado ao máximo para realização de tais tarefas. Soma-se a isso o fato de que o ambiente fica tenso e nada propício para o ensino e a aprendizagem. (REGIANATTO, 2013, p. 09).

A afetividade é verdadeiramente um aspecto importante no processo de ensino-aprendizagem, pois se fundamenta na relação entre o professor e o aluno. Assim como o aspecto cognitivo ela não deve ser pensada como o único meio de atingir a aprendizagem, mas deve ser considerada como um dos elementos influenciadores do processo de ensino e aprendizagem, ou seja, as aprendizagens cognitivas e emocionais caminham lado a lado, uma impulsionando a outra.

Por vezes estes postulados podem parecer utópicos, no entanto este estudo é para que futuros educadores possam atentar-se para uma prática escolar mais afetiva, baseada na compreensão, na empatia, no respeito pelo outro. O sistema educacional é um emaranhado de teoria e prática, a escola é o melhor local para o aprofundamento nos estudos das vivências humanas, pois é lá onde os mesmos tendem a desenvolver-se nas principais áreas de formação, sendo estas a cognitiva, física, afetiva e a social.

2.3 O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO AFETIVO DO ALUNO

Sabe-se que o elemento primordial em qualquer relação humana é o afeto, por isso está presente em todas as fases da vida do indivíduo. Porém, hoje em dia, ao analisar essas relações, percebe-se que há um distanciamento da afetividade, uma banalização dos sentimentos. A consequência é visível, a pessoa vem

demonstrando precocemente um comportamento antissocial e muitas vezes agressivo.

Toda relação é irrigada com afeto, sendo este o componente fundamental das relações humanas. No processo educativo a relação professor e aluno é uma interação que dá sentido à aprendizagem, por isso o docente precisa refletir em sua prática como anda essa relação. Desse modo, Molon e Santos (2008, p. 04) destacam que a alavanca do desenvolvimento da aprendizagem está na atitude do professor em estabelecer uma atmosfera de confiança e uma atitude de respeito com o aluno. Uma das fontes propulsoras do ensino e da aprendizagem está no vínculo constituído entre professor e aluno. A afetividade desta maneira deve ser fortalecida nas relações educacionais dentro e fora da escola.

Somando a isto, as autoras acreditam ainda que professores podem contribuir para o desenvolvimento social humano para as crianças e adolescentes de uma maneira especial, alcançando resultados positivos a longo prazo. Esta afirmativa é baseada no fato de que neste período o aparelho psíquico está em desenvolvimento e na sua constituição, agregam heranças genéticas e arquivam momentos que viveram no ambiente social e emocional no qual estão inseridos.

Bock, Teixeira e Furtado (1999, p. 354) contribuem afirmando que “o vínculo professor-aluno é o sustentáculo da vida escolar”. Sobre este enunciado pode-se observar que tal vínculo deve se estabelecer para viabilizar o processo ensino-aprendizagem. Desse modo, precisa-se ter professores preparados, dispostos e engajados, que estabeleçam uma relação de parceria com seus alunos, a qual permita o diálogo com o conhecimento.

As aprendizagens construídas na escola, muitas vezes, são as mais relevantes para a vida das pessoas. E ainda, educadores escolares podem oferecer condições melhores de desenvolvimento aos educandos. Tais aprendizagens de âmbito escolar além de oportunizar uma relação íntima com o saber, têm funções de socialização. (MOLON; SANTOS, 2008, p. 05).

As autoras buscam evidenciar que o professor, além das funções referentes ao seu papel de atuação escolar, tem mais que as contribuições para o desenvolvimento afetivo do aluno do que se pode imaginar, fazendo-se de grande valia para a vivência num mundo à parte da escola. A escola oportuniza realização deste contato, o professor que é afetivo, tem dentre suas atribuições, o poder de

propiciar uma relação de parceria com seu aluno, garantindo seu desenvolvimento escolar.

Antigamente o professor era conhecido apenas como o transmissor de informações e conhecimentos, no entanto, na sociedade contemporânea, o papel do professor tornou-se muito mais amplo e complexo. Hoje em dia o mesmo tornou-se parceiro do estudante, no sentido da construção dos saberes. Tal parceria implica formação cognitiva, física, social e afetiva dos estudantes. Para tanto, Ribeiro (2010, p. 405) acredita que para ser agente contribuinte no aspecto emocional do aluno grande parte dos professores necessita de uma formação afetiva.

Por sua vez, Castro (2012, p. 84) esclarece que, a falta de autoconhecimento do professor em administrar seus próprios conflitos dificulta a interação com o aluno.

Por isso, torna-se tão relevante preparar o professor emocionalmente para o exercício da docência. Observe que o professor com baixa autoestima receberá a transferência negativa do aluno como uma rejeição a ele e não como um desafio a ser superado. Ao sentir a rejeição do aluno, vê-se incapaz de conquistá-lo e passa a desenvolver rejeição, dificultando ainda mais o relacionamento.

A necessidade na ênfase da atenção afetiva na formação dos professores está associada ao fator acima mencionado. Muitos professores negligenciam os aspectos emocionais dos seus alunos na sala de aula por não receberem orientações em relação a este fator no momento de sua graduação. É necessário salientar que por vezes a escola, a sala de aula e o professor como figura ativa no processo educacional, torna-se refúgio para os alunos que passam por algumas situações conflituosas em seu ambiente familiar ou em seu círculo social.

É preciso que o professor tenha uma visão mais humanizada, ou seja, se atente e conecte-se ao seu aluno, para que juntos possam trilhar um só caminho. Muitos alunos carentes de afeto encontram no professor, o que lhe falta para constituição emocional. O professor é salvador de vidas, pois por diversas vezes através de um bom diálogo, uma palavra amiga, um sorriso caloroso, ou mesmo um chamado de atenção, faz-se necessário para que o aluno entenda que alguém ali se importa. Tais atitudes ensinam para a vida, e isto constitui bons cidadãos.

Muitos professores desconsideram a bagagem emocional de seus alunos e procuram se manter alheios a esse problema que é tão presente em sala de aula. A escola, que é o lugar onde muitas crianças anseiam encontrar o carinho e a atenção que não recebem em casa, muitas vezes acaba se tornando um ambiente frio e pouco interessante. (REGIANATTO, 2013, p. 02).

O professor que não gosta de ter uma relação afetiva com os alunos deve mudar de profissão, visto que a educação se dá através do relacionamento e do afeto entre quem ensina e quem aprende. O professor é a referência, é o espelho, é o exemplo a ser seguido e, exatamente por isso, suas atitudes afetivas, seja esta, uma palavra, um gesto, refletirá grande significado para o aluno.

Castro (2012, p. 84) afirma que, “O professor deve ser, antes de tudo, um preparador emocional acreditando no seu papel transformador e na capacidade que o aluno tem de crescer e se desenvolver, com todo sucesso”. Nesse sentido é preciso que se tenha em sala de aula professores verdadeiramente apaixonados pelo que fazem, que não meçam forças para alcançar seus os objetivos, e principalmente que estejam preparados para fazer a diferença, uma vez que hoje em dia a maioria das pessoas opta pelo distanciamento.

Para melhor trabalhar os aspectos emocionais dos alunos em salas de aula os professores necessitam utilizar seus saberes, suas experiências, para a adesão de um bom relacionamento, para que vejam o aflorar do desenvolvimento afetivo dos alunos. Por isso, para que professor possa obter êxito neste quesito ele precisa de antemão conhecer o universo do educando, seus desejos, suas necessidades, e que a partir disto tenha bom senso, e que permita e proporcione o desenvolvimento da autonomia de seus alunos. Para tanto, o professor precisa demonstrar entusiasmo, paixão, que vibre a cada nova conquista de seus alunos, que não discrimine ninguém nem se mostre mais próximo de alguns, deixando ou outros à deriva.

Infelizmente, nos dias atuais o número de alunos por sala é visto como um empecilho, já que não permite que o professor conheça intimamente cada um. Muitos professores erroneamente separam os “bons” e “maus” alunos. Tal atitude promove a separação dos mesmos, o que conseqüentemente gera preconceito, discriminação, ideia de superioridade ou inferioridade, baixa autoestima etc. Ao invés de tomar tal atitude o professor deve promover a união, fazendo realizar atividades em conjunto, em que um ajuda o outro, criando um sentimento de generosidade e empatia, se pôr no lugar do outro colega, envolvendo-os, portanto, numa atividade que levará para vida toda.

Considerando a importância das emoções, é essencial fortalecer a afetividade na relação entre professor e aluno para que esse vínculo possa estimular a melhora da autoestima. Se tiverem um laço de amizade, ambos

se sentirão mais seguros e a convivência em sala de aula será muito mais agradável. Além disso, o aprendizado passa então a ganhar espaço para acontecer naturalmente. (REGIANATTO, 2013, p.07).

Uma das estratégias mais utilizadas pelos professores para o desenvolvimento afetivo das crianças, de grande eficiência é a conversa, o diálogo. Quando o professor consegue aproximar-se do aluno, ouvindo atentamente, orientando e compreendendo-o, os resultados adquiridos são positivos porque acontece o fortalecimento do vínculo entre professor e aluno.

Em qualquer ambiente há pessoas que não conseguem elogiar, que não conseguem abraçar, que não conseguem sorrir, o professor tem a difícil missão de quebrar essas barreiras e trabalhar tais limitações e as dos alunos. Portanto, tudo que diz respeito ao aluno deve ser de interesse do professor.

Em algum caso em que alguns alunos apresentam uma excessiva timidez, é necessário que o professor realize atividades em grupos para que o mesmo possa desabrochar, modificando seu comportamento introspectivo em sala de aula. O professor é o agente ativo neste processo, é errado forçá-lo a participação através de ameaças, pelo contrário, isso pode acabar gerando mais trauma neste aluno, pois não há nada educativo em tal atitude. (CHALITA, 2004, p. 139).

É preciso lembrar que o professor é o profissional comprometido com a sensibilidade humana, por isso a necessidade de entender a subjetividade. Por isso os professores necessitam trabalhar as dificuldades afetivas emocionais dos alunos, mesmo quando não recebem apoio da família ou dos demais órgãos governamentais. Constantemente procuram atuar diante dos recursos que têm, mesmo que a única alternativa seja o seu apoio e o seu cuidado.

Ser promotor de afetividade é estimular, amparar, aconselhar. Pequenas ações podem fazer a diferença para aquela criança que está na escola desmotivada e sem ânimo, sem vontade de se abrir para novas oportunidades de aprendizado. Se, ao invés de julgá-lo por seu modo de ser, diferenciado dos demais membros da turma, o professor elogiar seus aspectos positivos já estará fazendo um grande bem. Talvez este possa ser o único local onde a criança poderá ter suas qualidades reconhecidas.

É preciso ter sensibilidade para compreender que o aluno que menos participa das atividades propostas, que é mais rebelde ou mais indiferente, na maioria dos casos, não age assim por não gostar de seu professor, mas sim por ser aquele que mais necessita de sua ajuda e atenção. Muitos

problemas de conduta que acabam afetando a aprendizagem são causados apenas por carências emocionais e podem ser resolvidos com um simples gesto afetuoso do professor. Crianças que são repreendidas em sala de aula sem um motivo que faça sentido para elas, acabam acumulando mágoas que só fazem piorar seus problemas. (REGIANATTO, 2013, p.10).

Ao entrar na sala de aula o professor deve transmitir a mensagem de que está lá para ser o promotor da aprendizagem, que auxilia no amadurecimento da vida, que ajuda o ser humano a crescer, a ser feliz, a ser livre. Não se deve iniciar sua aula ao tom autoritário, promovendo ameaças, pois dificilmente obterá sucesso.

É de grande valia para o aluno saber que tem um educador em quem pode confiar. Professores marcam a vida das pessoas, seja pelo bom trabalho realizado, pela mão que se estendeu num momento delicado, ou mesmo por ter provocado traumas que jamais serão esquecidos. Cabe a cada educador escolher que tipo de impressão quer causar e que lembrança quer deixar aos tantos alunos que passarão pela sua vida.

A intrínseca relação professor-aluno é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças. Pois é a partir desta relação que os alunos adquirem conhecimentos para todo o curso de vida e tem suas capacidades psicossociais promovidas. Quando se tem uma relação positiva com os alunos pode-se evitar inúmeros problemas disciplinares no espaço escolar e, ainda, o stress do professor e o *burnout*, além de facilitar o processo de ensino e aprendizagem e o desenvolvimento profissional do educador. (BARBOSA; CAMPOS; VALENTIM, 2011, p. 454).

Conforme Chalita (2004, p. 149), o professor obterá sucesso no processo de ensino-aprendizagem se for amigo dos alunos. E se for verdadeiro, pois amigo respeita o outro e respeito não se impõe, conquista-se. Cada um no seu tempo, sem forçar ou fingir, deve ser algo espontâneo. O diálogo é a chave para a constituição do afeto. A amizade com os alunos é essencial, pois sem afeto não há educação. Desse modo, o afeto rompe barreiras e praticá-lo é fácil e não demanda sacrifícios, necessita apenas de boa vontade. Pequenos sinais de cuidado quebram obstáculos e enriquecem a amizade em qualquer aspecto da vida, não apenas na escola.

3 AFETIVIDADE, APRENDIZAGEM E ENSINO: OLHARES DE PROFESSORES E ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL, ITAITUBA-PA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse estudo é de cunho bibliográfico, posto que se apoiou em autores que tratam da temática relacionada à afetividade e aprendizagem na prática de ensino tais como: Bock, Teixeira e Furtado (1999), Capelatto (2012), La Taille (1992), Chalita (2008), Castro (2012), Regianatto (2013), Cunha (2012). De acordo com Gil (2002, p.44), o estudo bibliográfico tem a finalidade de ampliar as discussões do assunto em estudo com base em referências consultadas.

Utilizou-se uma análise qualitativa, visto que busca compreender as diversas manifestações do fenômeno estudado de modo contextualizado. Após a obtenção das respostas dos questionários, foi feito o levantamento de dados com quadros e representações gráficas pertinentes para análise e interpretação de dados.

Para coleta de dados foram utilizados questionários com 7 (sete) professores e 78 (setenta e oito) alunos de 6º ao 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Francisco das Chagas, de Itaituba-PA. O roteiro do questionário aplicado aos professores e alunos está composto por 8 (oito) questões envolvendo a temática e explorando o assunto com perguntas subjetivas e objetivas. A pesquisa foi realizada durante o mês de dezembro de 2017 pela manhã e à tarde, de forma a contemplar o máximo de alunos e professores.

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA DE ESTUDO

A Escola Municipal de Ensino Fundamental São Francisco das Chagas está localizada no bairro Piracaná, na Av. Francisco Macedo, nº 1722, sendo este bairro considerado periférico do município, por apresentar-se distante do centro da cidade e também por ser composto em sua maioria de moradores carentes. Esta unidade escolar foi fundada no dia 15 de dezembro de 1985 pela professora Mailde dos Santos Moura, na administração do prefeito Wilson João Shuber.

O espaço físico da escola é bem amplo, pois seu terreno mede 2364 m², sendo composta por três pavilhões, distribuído da seguinte forma: O primeiro dispõe

de 01 (um) depósito, 01 (uma) cozinha, 04 (quatro) salas de aula, 01 (uma) sala para os professores. O segundo pavilhão é composto de 01 (uma) quadra poliesportiva, 10 (dez) banheiros, sendo dois apropriados para alunos com deficiências físicas, a secretaria e a diretoria da escola. É importante destacar que o espaço destinado para direção não é adequado devido o espaço ser desproporcional às necessidades administrativas. O prédio térreo do terceiro pavilhão é composto de 01 (um) almoxarifado, 01 (uma) escada e 03 (três) salas de aula e o Infocentro. Na parte de cima do prédio comporta 04 (quatro) salas de aulas. Vale frisar que o prédio não possui rampa de acesso ao pavilhão de cima excluindo assim alunos cadeirantes que porventura vierem a necessitar do atendimento educacional.

A escola possui um anexo localizado no residencial “Vale do Piracaná”. Devido à grande demanda populacional das famílias ali residentes foi necessário adaptar um galpão para atendimento da clientela naquela localidade. No Anexo funciona o Ensino Fundamental menor com 8 turmas nos 1º e 2º turnos.

A instituição atende nas modalidades de Ensino Fundamental de 1º a 9º ano e Educação de Jovens e Adultos de 1ª a 4ª etapas, conta com 26 turmas na escola sede e 8 turmas na escola anexa, atendendo mais de 1000 alunos.



Figura 1. Frente da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Francisco das Chagas

De acordo com o observado durante a pesquisa, o compromisso e a colaboração entre gestores, professores e pais direcionam-se para os mesmos objetivos, que é a educação do aprendiz. Desta forma, é necessário, que haja interação e entendimento entre os envolvidos.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, a interação humana tem uma função educativa, por isso, no processo de construção do conhecimento, o valor pedagógico da interação humana é ainda mais evidente, pois é por intermédio da relação professor x aluno, aluno x aluno, gestão escolar x professor, escola x pais e escola x comunidade que o relacionamento vai sendo coletivamente construindo.

Sob este ponto, é importante destacar, que a falta de acompanhamento dos pais no processo ensino-aprendizagem é considerada um dos pontos mais relevantes para ser trabalhado. Em virtude destas questões uma das ações realizadas pela instituição para a integração família e escola é a realização de constantes reuniões com pais e responsáveis de alunos de forma coletiva e individualizada no sentido de estreitar os laços entre família e escola visando à superação dos problemas existentes.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Foram entrevistados 7 (sete) professores atuantes na Escola Municipal de Ensino Fundamental São Francisco das Chagas, que estão identificadas de P₁, P₂, P₃ ... P₇, onde P corresponde a Professor. Todos atuam em suas respectivas áreas de formação devidamente habilitados. Dos entrevistados apenas um dos professores não possui curso de pós-graduação. Sobre o tempo de atuação na função de docência, pode-se observar o gráfico 1 que traz a informação.

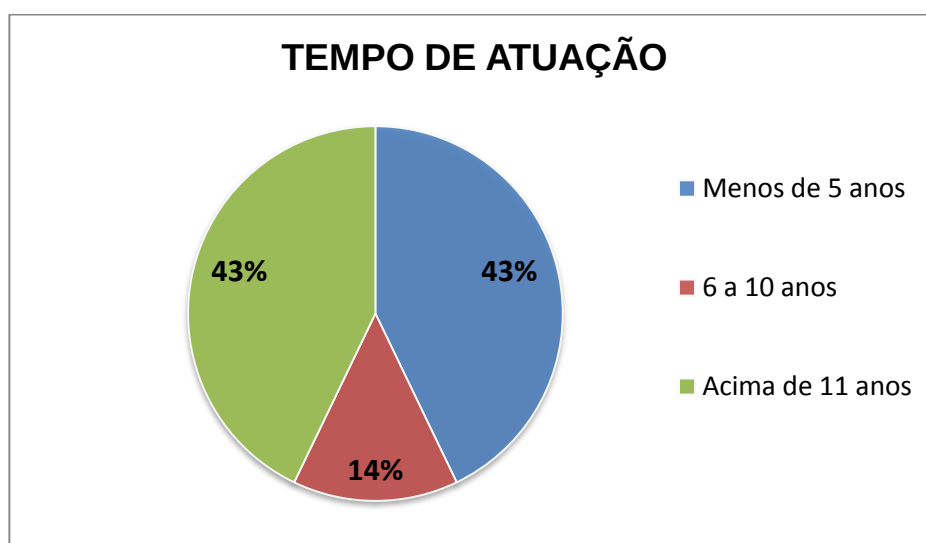


Gráfico 1. Tempo de docência dos professores.

Identificou-se que 43% dos entrevistados apresentam tempo de experiência inferior a cinco anos, 14% dos professores entre seis a dez anos e 43% professores com tempo de experiência acima de onze anos. Também foi importante ouvir os alunos, portanto, foram entrevistados 78 (setenta e oito) alunos escolhidos de forma aleatória, que estudam de 6ª a 9ª ano na referida escola nos turnos manhã e tarde identificados neste estudo como A₁, A₂, A₃... A₇₈, sendo que A = Aluno. Identificou-se nesta pesquisa que a maioria (36%) dos alunos do ensino fundamental maior (6º ao 9º ano) estão com idade acima dos 14 anos, conforme gráfico 2.

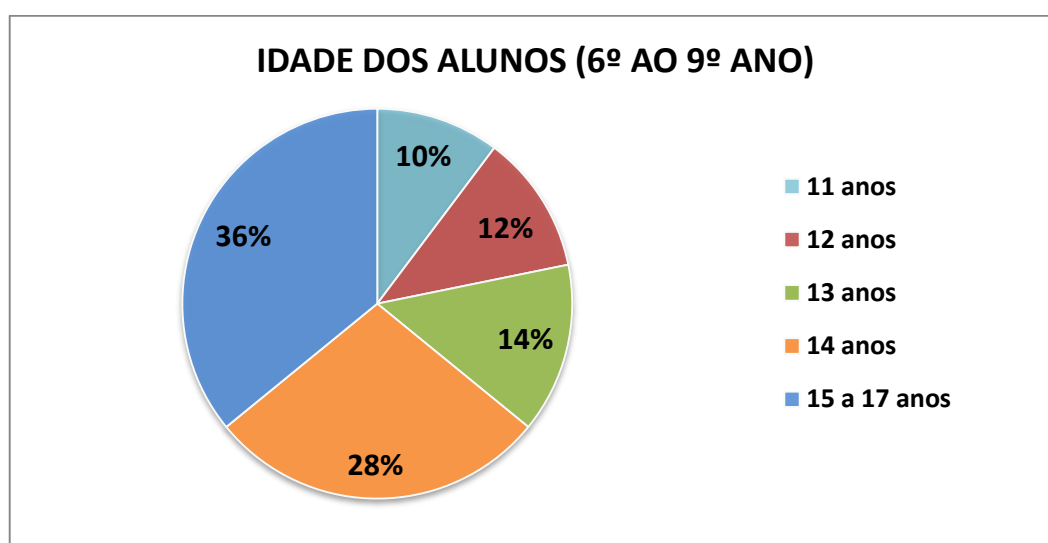


Gráfico 2. Faixa etária dos alunos.

Ainda em relação à faixa etária, evidenciou-se que a menor idade dos entrevistados é 11 (onze) e a maior 17 (dezessete) anos, ou seja, há distorção na idade série, uma vez que a partir dos 15 (quinze) anos o aluno deve estudar na modalidade da EJA (Educação de Jovens e Adultos). Dos entrevistados 42 (quarenta e dois) é do sexo feminino e 36 (trinta e seis) do sexo masculino.

3.4 OLHARES DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE AS RELAÇÕES AFETIVAS NA ESCOLA

3.4.1 Olhares dos professores

Compreendendo a importância da articulação entre o saber teórico e prática educativa buscou-se conhecer como ocorre tal processo na Escola Municipal de

Ensino Fundamental São Francisco das Chagas por meio de um questionário aplicado aos professores a fim conhecer suas concepções pedagógicas e seus desafios quanto à influência da afetividade no desenvolvimento escolar. Desse modo, foi iniciada a conversa com a questão de número 1: **Para você, a afetividade é fundamental durante o processo de ensino e aprendizagem?** De acordo com a entrevista 6 (seis) dos professores afirmam que sim e apenas 1 (um) afirma que a afetividade influencia em parte. Contudo, para aprofundar o questionamento indagou-se ainda no tópico 1.1: **Você acredita que a falta de afetividade e a ausência de valores interferem no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos?** No Quadro 1 é possível observar os relatos dos professores.

Quadro 1. A falta de afetividade e a ausência de valores interferem no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos?

Entrev.	Relato dos professores
P ₁	<i>“Sim, pois a criação de vínculos entre alunos e agentes que proporcionam a aprendizagem escolar é fundamental para que se obtenha sucesso nesta trajetória”.</i>
P ₂	<i>“A falta de afetividade pode atrapalhar em parte a aprendizagem, porém nesse momento os alunos aprendem independente de se relacionarem bem com o professor, devem se dedicar ao estudo da referida disciplina, o problema é quando não conseguem fazer isso, pois acabam sendo prejudicados”.</i>
P ₃	<i>“Sim. A ausência de valores é um grande problema no processo de ensino-aprendizagem”.</i>
P ₄	<i>“Sempre é importante que exista os valores afetivos entre o docente e seus alunos e no relacionamento entre os próprios alunos”.</i>
P ₅	<i>“Com certeza, pois é através da afetividade e dos valores que se cria um ambiente de confiança, solidariedade, respeito e participação”.</i>
P ₆	<i>“Sim, as pessoas independente da idade quando realizam suas atividades em ambientes receptivos tendem a ter mais sucesso”.</i>
P ₇	<i>“Falta de afetividade gera falta de interesse do aluno pela disciplina”.</i>

Conforme as respostas, a maioria dos professores justifica-se afirmando que a carência ou ausência de vínculos afetivos entre professor e aluno causam interferência no processo de ensino-aprendizagem, principalmente porque os agentes deste processo se sentem desestimulados e inseguros, o que há consequentemente falta de interesse pelo conteúdo ministrado, e mais, gera falta de respeito entre as partes envolvidas.

Para contribuir com esta análise, Regianatto (2013, p. 02) ressalta que, ao esquecer da importância do afeto no processo de ensino-aprendizagem, o professor poderá está contribuindo para formar um aluno indiferente. Por isso é necessário que o professor e aluno constituam uma relação de amizade, respeito e confiança, e

para tanto, a afetividade é elemento indispensável. Em continuação à pesquisa com os entrevistados foi indagado na questão 2: **Como você, professor, motiva seus alunos para resolverem as atividades propostas em sala?** As falas dos professores estão demonstradas no quadro 2.

Quadro 2. Estratégias de motivação para o estudo.

Entrev.	Relato dos professores
P ₁	<i>“Incentivos por vezes funcionam como um impulso para vencer obstáculos, trabalhar a autoestima, mostrando que todos possuem a capacidade, basta ter interesse”.</i>
P ₂	<i>“Os alunos são estimulados a fazerem suas atividades, pois todas valem pontos que são essenciais na avaliação deles, e isso é sempre comunicado para eles”.</i>
P ₃	<i>“Explico a eles porque é importante estudar e o quanto é ruim um ano de reprovação na vida do aluno”.</i>
P ₄	<i>“O incentivo começa quando os mesmos são orientados a valorizar a educação, valorizar o professor e a escola como um ambiente de aprendizagem e de amizade”.</i>
P ₅	<i>“Utiliza-se o diálogo como a principal ferramenta motivacional, mas não se pode deixar de mostrar exemplificações tornando as resoluções mais fáceis”.</i>
P ₆	<i>“O diálogo é fundamental para motivar os alunos a resolver as atividades”.</i>
P ₇	<i>“Com atividades lúdicas”.</i>

De acordo com os dados do quadro, o diálogo é a principal ferramenta motivacional utilizada pelos professores com o intuito de elevar a vontade e o interesse em aprender os conteúdos e realizar as atividades propostas em sala de aula, por isso procuram dar exemplos que façam parte do cotidiano dos alunos, para facilitar a aquisição do saber. Explicitam ainda através de conversas os benefícios de suas ações enquanto estudantes e estimulam a valorização da educação pelos alunos.

A relação entre professores e alunos é primordial para a o processo ensino-aprendizagem, para tanto é necessário um vínculo de confiança entre quem ensina e quem aprende, por isso procurou-se saber na questão 3: **Se você concorda que a afetividade desperta a confiança do aluno para com o professor?** Todos os entrevistados afirmam que sim. Para tal afirmativa, P₂ justifica dizendo: “Quando a relação-professor aluno na sala vai bem o reflexo disso é percebido durante as aulas e na dedicação dos alunos para tirar boas notas”. Os P₅ e P₆ partilham do mesmo pensamento, assegurando que com uma relação de proximidade e cordialidade entre ambos, desenvolvidas principalmente através do diálogo e do incentivo diário, os alunos sentem-se mais seguros e confiantes em para fazer indagações, expor dúvidas e opiniões o que acaba contribuindo para seu desenvolvimento intelectual e

social, caso contrário, o aluno ficará retraído e até mesmo com vergonha de interagir com outros colegas de classe.

Considerando que o lar é o ponto de partida para o desenvolvimento afetivo-emocional das crianças foi indagado na questão 4: **Você concorda que a falta de afetividade em casa influencia nas relações afetivas na escola?** Todos os professores entrevistados responderam que sim, pois é evidente que a ausência de boas relações em casa ocasiona consequentemente uma má formação e desempenho em outras áreas sociais, como na escola. Corroborando a esta afirmação, P₄ justificou: “A criança precisa e necessita sentir o amor da família e aprender que os valores morais e sociais inicialmente são construídos em casa e se completam na escola”. De fato, o aluno traz consigo os reflexos de sua casa, por vezes os pais acabam não preenchendo este espaço emocional, o que ocasiona a rebeldia e indisciplina na escola como afirma o P₆: “Crianças e adolescentes que não recebem afeto tendem a ser indisciplinados e agressivos, ou mesmo retraídos, e esses comportamentos influenciam na aprendizagem”.

Quando não há afeto na relação familiar, a criança passa a ter um sentimento de que não é amado ou desejado, e, por consequência, sente-se solitário e abandonado. Isto acarreta graves consequências no desenvolvimento psicossocial deste indivíduo. Regianatto (2013, p. 02) lembra que o professor precisa estar atento quanto a realidade de cada aluno, considerando a formação emocional que recebe em seu ambiente familiar. Por vezes tal ação torna-se impossível, sabendo os professores precisam dar conta de turmas superlotadas, com uma variedade enorme de crianças. Dedicar tempo a cada um pode parecer utópico, mas é muito importante que o professor tenha consciência da responsabilidade de contribuir para a construção da personalidade da criança.

Ainda em conversa com os colaboradores dessa pesquisa procurou-se saber na questão 5: **Como a escola pode auxiliar no desenvolvimento afetivo do aluno?** O gráfico 3 traz os resultados, evidenciando que somente 3% dos entrevistados consideram o Projeto Família na Escola como uma forma diferenciada para aflorar o desenvolvimento afetivo dos alunos. Tal projeto é desenvolvido pela instituição em análise, e busca entre outros objetivos, estreitar os laços com a família e a comunidade, favorecendo a melhoria do ensino.

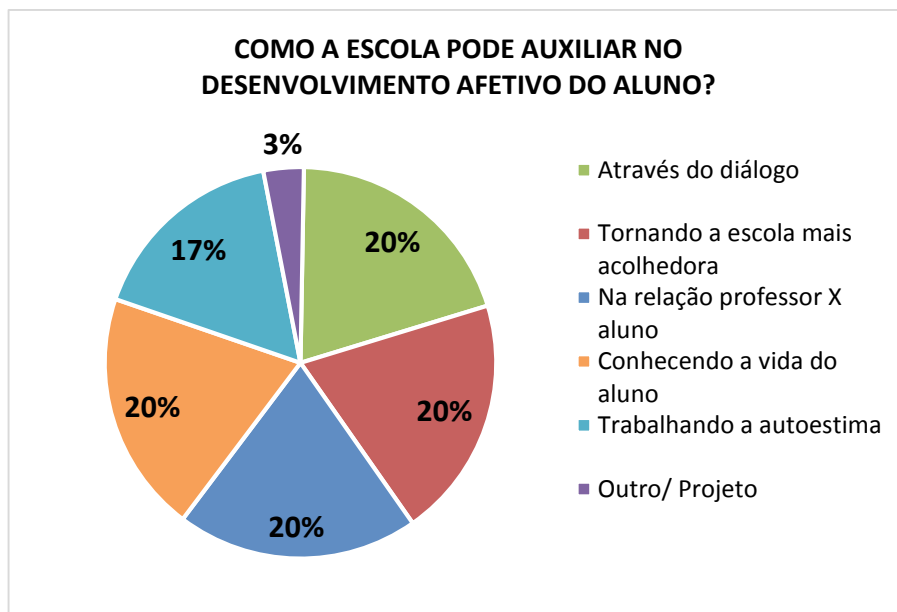


Gráfico 3. Como a escola pode auxiliar no desenvolvimento afetivo do aluno?

Por serem consideradas famílias em que a maioria é carente, obviamente há um déficit na atenção ao desenvolvimento estudantil dos seus filhos, uma vez que muitos trabalham excessivamente procurando subsidiar suas famílias. Atarefados pelos problemas financeiros do dia-a-dia acabam não se envolvendo com a escola em que seus filhos estudam. Este desligamento acarreta nos alunos uma falta de motivação e estímulo para prosseguir os estudos, o que ocasiona a evasão escolar, um dos grandes problemas enfrentados pelo sistema educacional.

Um método de prevenção destas situações vem sendo aplicado pela escola através de ações que visam a integração família e escola, uma delas é a realização frequente de reuniões com pais e responsáveis, visando à redução de tais problemas.

A interação entre família e a escola não deveria ser reduzida meramente a reuniões formais, onde há reclamações e contatos rápidos, mas ocorrer regularmente em momentos de maior troca de informações, nos quais a família pudesse afetivamente participar do dia-a-dia da escola. (PAULA; FARIA, 2010, p. 05).

Os autores procuram dizer que os pais devem estar mais envolvidos na vida escolar dos seus filhos, pois quando pais presentes demonstram interesse pelo filho, pela escola, pelo que está aprendendo, pelo seu progresso, as crianças apresentam maior motivação para aprender, pois sentem-se orgulhosas de seus feitos. Evidenciando a importância da escola para o desenvolvimento emocional dos alunos

foi ainda questionado aos professores na pergunta de número 6: **Em sua opinião, quais as características de um ambiente escolar afetivo?** Os relatos dos professores podem ser analisados no Quadro 3.

Quadro 3. Características de um ambiente escolar afetivo.

Entrev.	Relato dos professores
P ₁	<i>“Primeiramente o respeito torna-se algo indispensável para criação de um ambiente harmonioso e conseqüentemente, terá como resultado um acolhimento agradável”.</i>
P ₂	<i>“Através do diálogo para ouvir os problemas que o aluno têm e que interferem no bom desempenho dele na escola, assim o aluno se sente acolhido e importante para sua escola”.</i>
P ₃	<i>“É um lugar onde há o diálogo, o respeito e etc.”.</i>
P ₄	<i>“Um bom relacionamento, com respeito e disciplina entre todos que compartilham o ambiente escolar, professores, alunos e funcionários”.</i>
P ₅	<i>“Aquele no qual o aluno sinta-se confiante, principalmente que ele possa ser ouvido pelos profissionais de cada setor. As regras devem estar bem claras, ações voltadas para elevar a autoestima dos alunos e dos educadores, conversas com responsáveis sempre que necessário”.</i>
P ₆	<i>“O ambiente escolar afetivo deve ser pautado pela cordialidade, diálogo, cooperação para resolução de problemas de variadas origens”.</i>
P ₇	<i>“Quando o aluno prefere ficar na escola”.</i>

Em análise às respostas constantes neste quadro, nota-se que grande parte dos entrevistados acredita que as principais características de um ambiente escolar afetivo estão pautadas no respeito entre os agentes envolvidos no processo educativo, como afirmam os P₁, P₃, P₄ e P₆, ou seja, engloba todos os funcionários e colaboradores da instituição de ensino, não somente os professores.

Saber ouvir é uma árdua tarefa, por isso o diálogo é mencionado inúmeras vezes pelos entrevistados. Propor-se a conhecer a realidade do outro pode transformar o ambiente em um espaço mais humanizado, com pessoas preocupadas umas com as outras, a disposição em ouvir os problemas, ajudando os alunos a enfrentar situações difíceis na escola ou em casa, compartilhando momentos de tristeza e alegria.

Regianatto (2013, p.02) assegura que ao transformar a escola num lugar aconchegante e agradável, que vise o bem-estar dos alunos, acaba modificando a realidade de muitas crianças, suprimindo suas carências afetivas, tendo em vista que uma escola afetuosa transmite para as crianças a sensação de serem amadas, valorizadas e respeitadas e isto reflete ainda mais na aprendizagem.

Foi necessário indagar ainda aos professores na questão número 7: **De que maneira você costuma demonstrar a sua afetividade com seus alunos?** No Quadro 4 é possível conhecer as estratégias dos entrevistados.

Quadro 4. Maneiras de demonstrar a afetividade aos alunos.

Entrev.	Relato dos professores
P ₁	<i>“Demonstrando interesse pelos alunos; por que faltou à aula; se está se sentindo bem; por que deixou de realizar alguma atividade; se existe alguma situação familiar que esteja incomodando ”.</i>
P ₂	<i>“Procuro sempre ouvir meus alunos, conversar para saber se está tudo bem em casa, com a família, nos estudos, quais dificuldades estão percebendo na minha disciplina, procuro incentivar eles a estudarem ”.</i>
P ₃	<i>“Conversando com os mesmos, tentando ajudar de acordo com minhas possibilidades”.</i>
P ₄	<i>“Companheirismo e ensino de valores cívicos e morais que devem ser comuns a todo cidadão”.</i>
P ₅	<i>“Sondando a realidade dos mesmos, mostrando a eles que podem sempre contar comigo para conversas até mesmo informais. Tratando-os com respeito e de forma igualitária. E acima de tudo dialogando”.</i>
P ₆	<i>“Tratando-os cordialmente, as vezes um sorriso, elogios quanto ao desempenho escolar, como a atitude benéficas a si e ao grupo, as vezes conto-lhes histórias ou faço comentários que visam contribuir com sua autoestima e formação moral cidadã”.</i>
P ₇	<i>“Tratando-os bem”.</i>

Em análise ao quadro 4, é claro que o interesse e a preocupação com a vida alunos é a forma mais citada para demonstrar o afeto por parte dos professores. Ter uma relação cordial, de companheirismo e de empatia é declarar através dos gestos há interesse no bem-estar do seu aluno. Um sorriso amigável, uma palavra de solidariedade, um ombro amigo são características evidentes mencionadas pelo P₆ para constituição de uma boa relação afetiva.

É importante que o professor se conecte com seus alunos, para que possam seguir um só caminho. Muitos alunos carentes emocionalmente encontram na figura do professor o que por vezes lhe falta em casa. Por isso estimular os alunos através de elogios quanto seu desempenho estudantil ou uma boa ação em sala de aula colabora para melhor desenvolvimento da aprendizagem, uma vez que os mesmos se sentem motivados em querer agradar os professores.

Para finalizar a entrevista com os professores foi perguntado na questão de número 8: **Como você classificaria sua relação com seus alunos?** Pode-se observar no Gráfico 4 que, 72% dos professores acreditam ter uma boa relação com seus alunos, segundo P₄ isto se ocorre “tratando bem a todos, com educação, com respeito, com boa recepção, incentivando as boas práticas de relações humanas”.

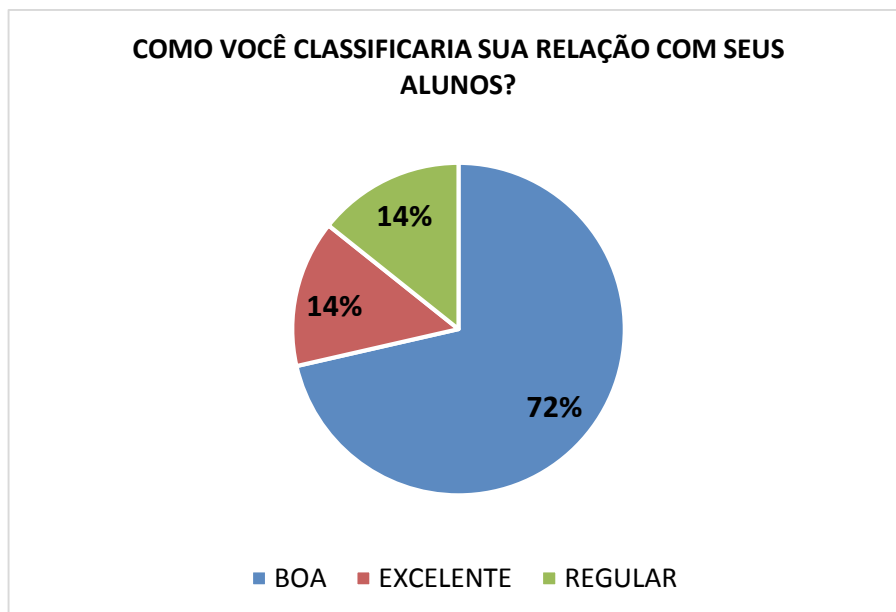


Gráfico 4. Como você classificaria sua relação com seus alunos?

Em relação aos 14% dos entrevistados que afirmam ter uma relação regular com seus alunos, os P₂ e P₃ afirmam que há uma falta de compromisso com a educação por parte de alunos e familiares. Há o desinteresse pelas atividades, a falta de respeito pelo esforço do professor em ministrar uma aula e desenvolver as atividades e avaliações, por isso acreditam que falta limite e compromisso dos alunos relapsos que não aceitam ser cobrados, gerando desentendimentos.

O bom relacionamento entre professor-aluno pode estar associado ao fato dos alunos gostarem ou não das disciplinas, pois ao gostar da disciplina, consequentemente, o aluno terá boa relação com o professor. Ter um bom relacionamento em sala de aula é tão importante quanto à forma de ministrar as aulas. No entanto, é notório que uma boa relação entre professor-aluno é regada principalmente pela alegria, pelo bom-humor e pelo sentimento de confiança.

De forma geral pode-se perceber que o papel do professor para o desenvolvimento afetivo dos alunos é positivo, visto que não possuem uma relação conflituosa e distante. A escola acolhedora e propicia para o aprimoramento deste aspecto afetivo, promove a base sólida para a construção de boas condutas, que agrega na formação integral do homem.

3.4.2 Olhares dos alunos

As concepções e olhares dos alunos a respeito da afetividade no processo de ensino e aprendizagem na educação de 6º ao 9º ano da referida escola da pesquisa é também de suma importância para este estudo, uma vez que possibilitou entender a visão dos mesmos a respeito da relação afetiva e seu desenvolvimento escolar.

Sabendo que o ambiente escolar afetivo tem grande relevância para o aprimoramento da aprendizagem, para iniciar a entrevista houve a necessidade de saber dos alunos na questão de número 1: **Você acredita que um ambiente escolar afetivo influencia em sua aprendizagem?** Considera-se, portanto, as respostas no gráfico 5.

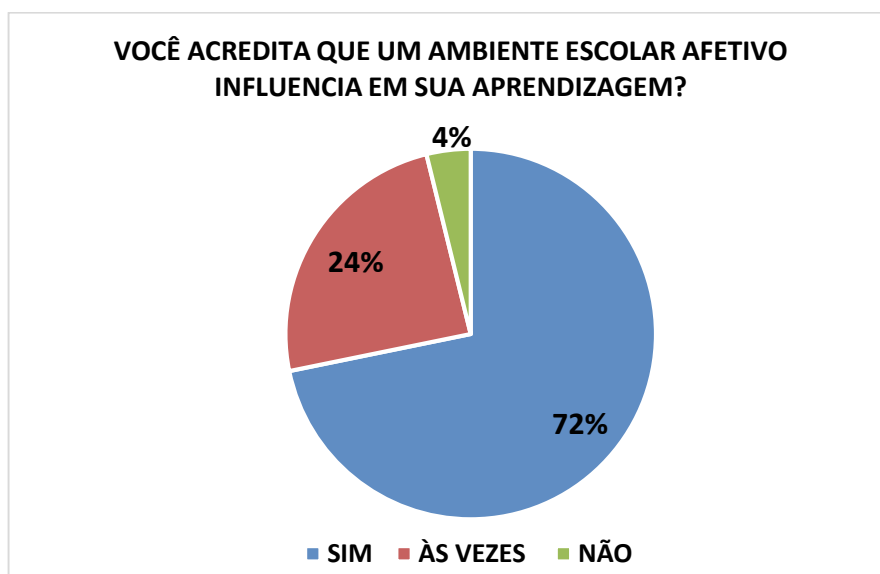


Gráfico 5. Você acredita que um ambiente escolar afetivo influencia em sua aprendizagem?

Observa-se que 72% dos alunos entrevistados acreditam que os aspectos afetivos no ambiente escolar exercem influência sobre o desenvolvimento de sua aprendizagem. Nas suas respostas, alguns alunos associam a afetividade com o ambiente físico, como por exemplo, A₂₇ e A₇₈ acreditam que o um ambiente limpo, calmo, bem harmonioso, fica nítido o esforço da escola para mantê-los num local propício para uma aprendizagem mais agradável.

O A₄₆ reforça um aspecto importante, afirmando que “nós alunos, nos concentramos melhor em lugares climatizados e bem estruturados”. O mesmo ressalta um ponto crucial, muitas vezes o péssimo rendimento dos alunos pode estar

associado às condições estruturais do ambiente em que se encontra, pois não somente os professores, mas os alunos sentem-se desestimulados a ficar por mais de 4 horas em salas de aulas quentes, onde não há uma preocupação com o bem-estar físico do aluno, que acaba interferindo na capacidade cognitiva dos estudantes. Outros pontos são destacados pelos alunos destacados abaixo:

“Porque quando somos bem recebidos em um local nos sentimos mais felizes, mais à vontade”. (A₈).

“Sim, porque é um ambiente carinhoso bem confortável para um desempenho melhor”. (A₉).

“Pois um ambiente onde todos são amigos e se respeitam sempre irá influenciar na aprendizagem”. (A₂₂).

“Sim, porque vai me dar mais interesse de aprender”. (A₂₆).

“Sim, pois um ambiente agradável influencia no bom aprendizado do aluno”. (A₅₅).

“Sim, porque num ambiente afetivo, nós alunos, nos sentimos acolhidos e assim influencia na educação”. (A₆₇).

Nota-se com as falas dos alunos que a maioria acredita que quando são bem recebidos num local agradável onde se sentem felizes, recebem carinho, que promove conforto, onde todos são amigos e se respeitam, sentem-se mais estimulados a aprender. Sabendo disto, foi necessário indagar na questão 2: **Como você classifica o relacionamento com seus professores?** No Gráfico 6 pode-se observar que 50% dos entrevistados afirmam ter uma boa relação com seus professores.

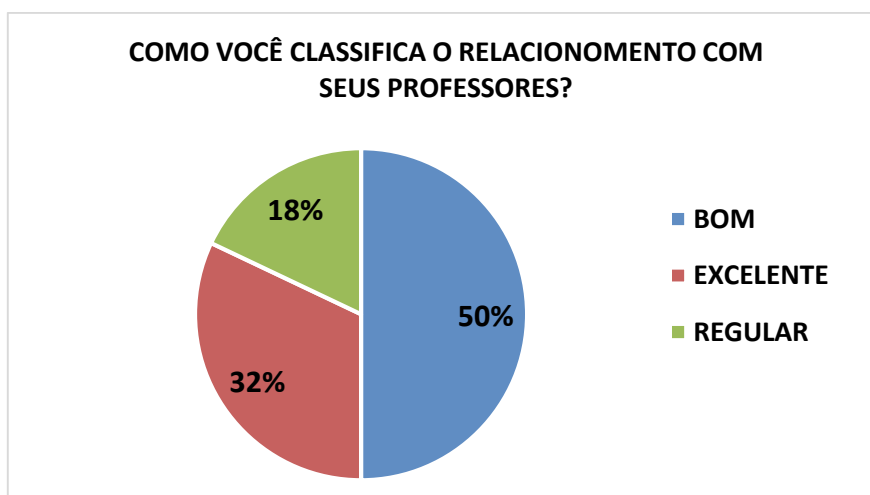


Gráfico 6. Como você classifica o relacionamento com seus professores?

Ter um relacionamento baseado na cordialidade, reciprocidade, simpatia e respeito entre professor e aluno proporcionam um trabalho mais construtivo no cotidiano escolar. Entre todos os fatores que influenciam a aprendizagem, o bom relacionamento entre professores e alunos é um dos principais. Por isso, a forma como o docente se comunica e a confiança que ele demonstra para os alunos podem ser determinantes para o desenvolvimento do indivíduo.

Continuando a entrevista foi questionada aos alunos na pergunta 3: **Seus professores se mostram atenciosos e bem-humorados no decorrer das aulas?** No Gráfico 7 é possível notar que 53% dos alunos afirmam que não.

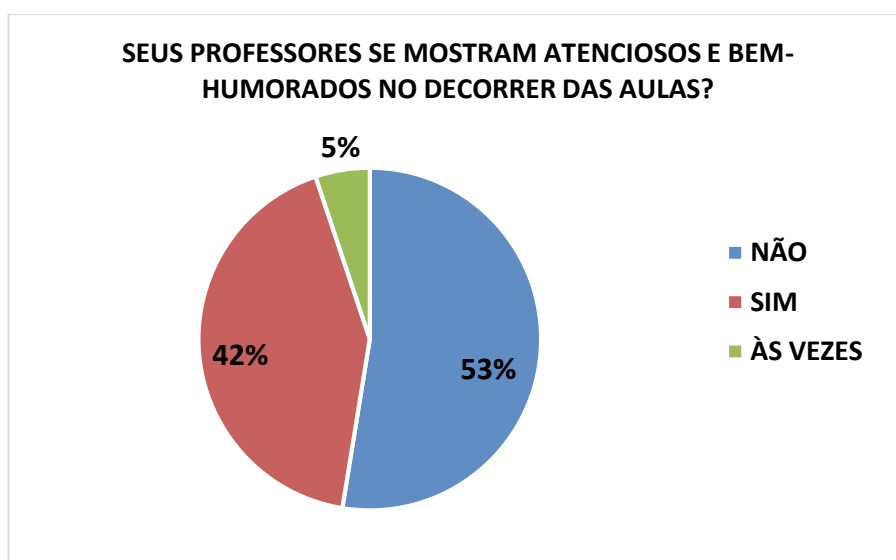


Gráfico 7. Seus professores se mostram atenciosos e bem-humorados no decorrer das aulas?

Sabe-se que hoje o grande problema da sociedade está associado ao estresse, e este atinge grande parcela dos professores, como afirmam os A₈: “Às vezes estão estressados pelo corre do dia-a-dia, mas eu entendo, não julgo” e A₆₇: “Porque nem sempre temos um bom dia, o estresse sobrecarrega o professor e nem sempre são bem-humorados”. Alguns alunos afirmam que o humor e atenção dos professores podem diminuir quanto ao comportamento dos mesmos em sala de aula, pois quando há muita conversa, baderna e brincadeiras fora de hora acabam por estressar os professores, como afirmam os A₁₄, A₂₉, A₄₁ e A₄₄.

Por outro lado, segundo o A₄₉ ressalta: “Alguns professores tem um modo de ensinar ótimo que diverte e ensina”. Nota-se que na visão dos alunos alguns professores utilizam do bom-humor para encaminhar suas aulas, levando com

maestria os conteúdos a serem aplicados. O professor que utiliza esses recursos e acaba incentivando o riso em sala de aula, cria ambiente propício ao ensino e à aprendizagem, facilitando na conquista da atenção do aluno, ajudando-o a reter o conhecimento, como afirma o A₁₇ “eles são bem animados, inteligentes e tem muito a nos oferecer”.

Promover o bom humor no ambiente escolar é uma maneira de ajudar os alunos a lidarem melhor com as disciplinas e conteúdos cansativos e algumas vezes estressantes. Os professores não são positivos o tempo todo, mas os momentos que têm devem ajudar os alunos a melhorar o humor, criando um ambiente mais positivo, favorável à aprendizagem. Nesse contexto, tendo ciência das causas que geram mau humor nos professores muitos alunos acabam por tentar amenizar o estresse dos professores, foi indagado aos alunos na questão 4: **Você procura fazer todas as atividades a fim de agradar seus professores?** Nota-se que 58% dos entrevistados afirmam que realizam suas atividades no sentido de serem reconhecidos, pois gostam de receber elogios dos professores, conforme Gráfico 8.

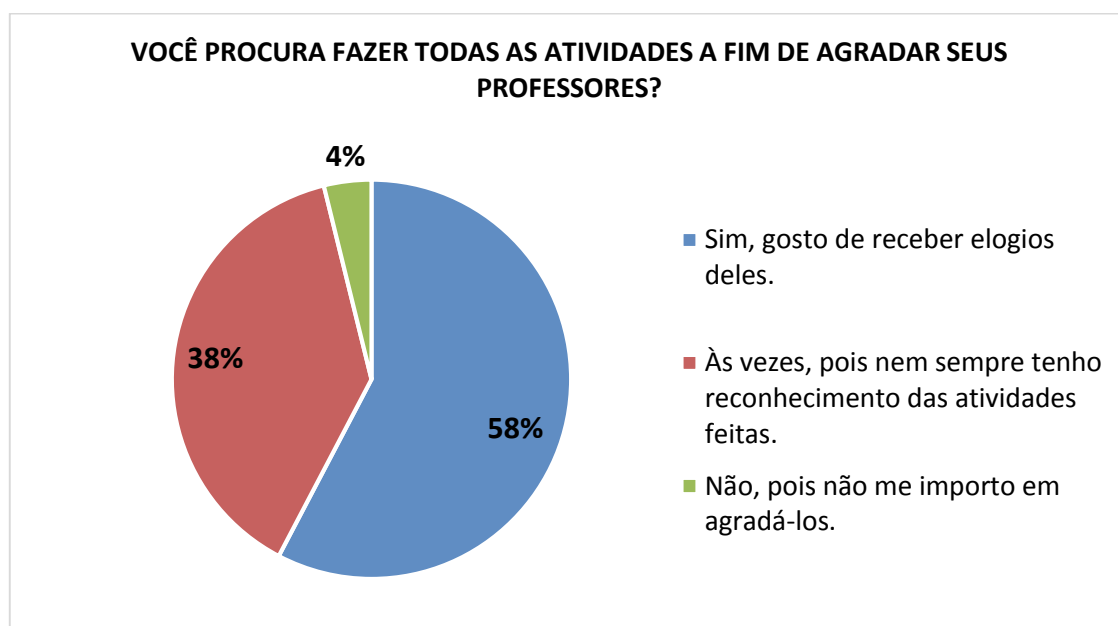


Gráfico 8. Você procura fazer todas as atividades a fim de agradar seus professores?

Somente através de elogios valoriza-se a autoestima. O aluno ao receber do professor frases como: bom trabalho, excelente, sensacional, extraordinário, parabéns, valeu o esforço, valoriza seu aluno e o instiga ter sede de conhecimento, de superar-se cada vez mais. Nessa perspectiva, o professor deve elogiar o aluno

individualmente para que ele saiba que é importante, tal ação deve ocorrer de forma justa, simples, criativa, de acordo com o desempenho do aluno, buscando evidenciar suas peculiaridades. Além disso, deve-se enfatizar o esforço empreendido, o capricho, o zelo e a persistência na realização das atividades.

O estímulo para melhorar o rendimento dos alunos em sala de aula está associado a inúmeros fatores, um deles é o incentivo, este por sua vez pode vir disfarçado como forma de elogios. Por isso perguntou-se aos alunos na questão 5. **Seu professor valoriza as suas atividades através de elogios?** O Gráfico 9 mostra os resultados.

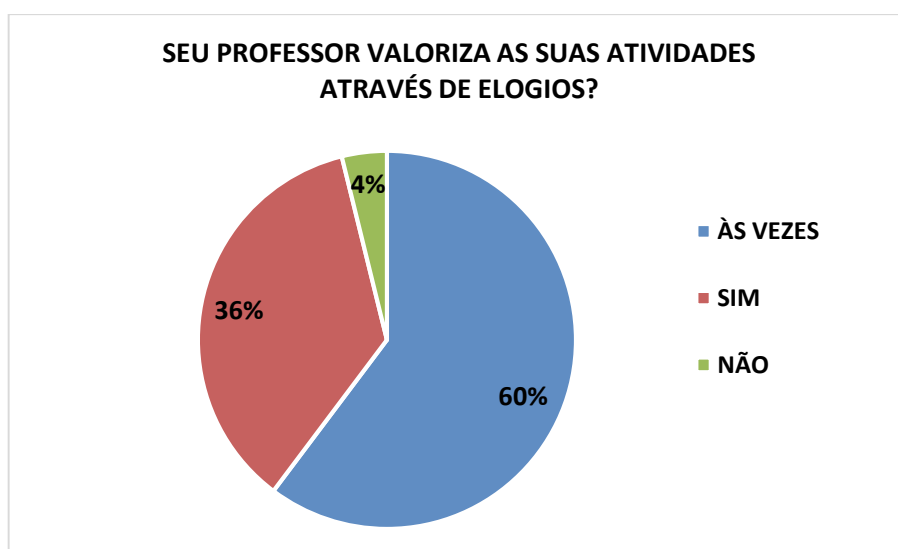


Gráfico 9. Seu professor valoriza as suas atividades através de elogios?

Dos entrevistados 60% asseguram receber elogios às vezes, ou seja, não é algo frequente. Vale ressaltar que os comportamentos e atividades desenvolvidas pelos alunos que são valorizados, ou seja, elogiados, estimulados, enaltecidos pelos professores tendem a se repetir constantemente. Quando se elogia, é provável que também sejam elogiados. Então, valorizar as atividades desenvolvidas pelos alunos é também valorizar o esforço para elaborar as atividades e principalmente sentir-se bem por conseguir fazer o aluno entender os conteúdos das disciplinas.

Em todo processo de aprendizagem humana, a interação social e a mediação do outro têm fundamental importância. No ambiente escolar, pode-se dizer que a relação professor-aluno é indispensável para que ocorra o sucesso no processo ensino-aprendizagem. Sabendo disto foi imprescindível perguntar aos alunos na questão 6: **Você trata dos seus assuntos pessoais com seus professores?** No

Gráfico 10 é possível perceber que 65% afirmam que não. No entanto, Molon e Santos (2008, p. 05) afirmam que na maioria das vezes, as crianças, ao passar por dificuldades no ambiente familiar buscam na escola alguém com quem possam conversar, entretanto, a realidade mostra-se diferente, pois conforme o gráfico identifica-se que muitos alunos preferem manter-se retraídos e acabam por não expor a ninguém fatos relacionado a sua vida particular.



Gráfico 10. Você trata dos seus assuntos pessoais com seus professores?

Segundo Chalita (2004, p. 152) os alunos possuem suas peculiaridades, e qualquer que seja a faixa etária, o professor precisa tratá-lo com afeto, valorizá-lo. O professor é a referência, é o modelo, o exemplo, por isso o pouco que fizer afetuosamente, uma palavra de cuidado, um zelo, será muito para alunos que passam por problemas, sejam esses escolares e familiares.

Prosseguindo a entrevista foi questionado na pergunta de nº 7, aos alunos do ensino fundamental maior: **O que você mais admira em seus professores?** Conforme o Gráfico 11, 26% dos entrevistados garantem que é excepcional a dedicação, o esforço e atenção que os professores têm para com eles.

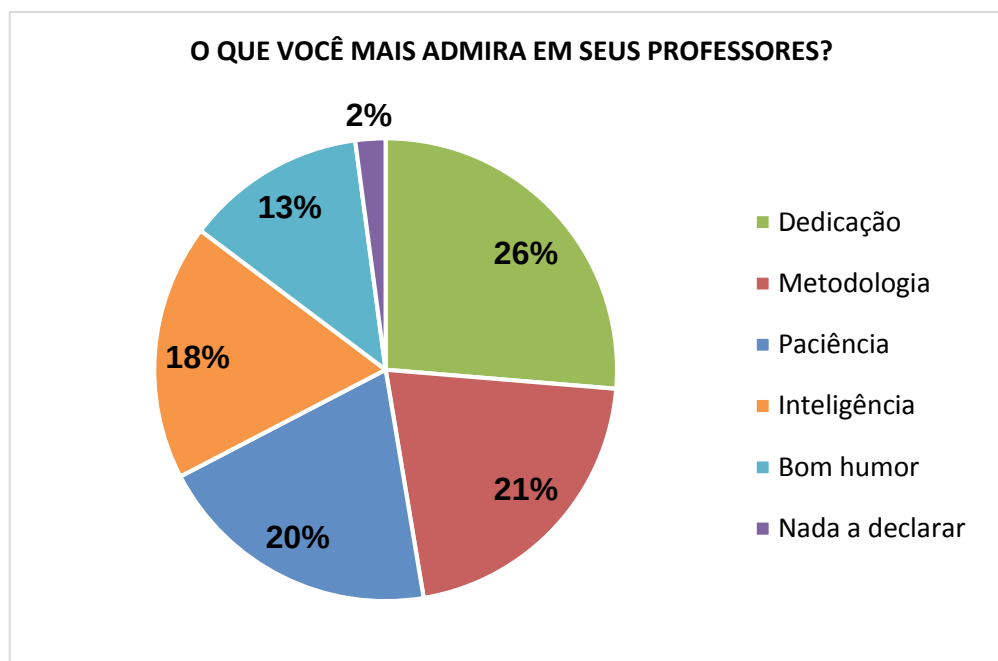


Gráfico 11. O que você mais admira em seus professores?

Como exemplo de admiração por seus professores, menciona o A₆₆: “O que eu mais admiro é o ensino, a dedicação, o relacionamento com os alunos e a influência que nos dar” e A₆₄: “Eu admiro meus professores porque eles são muito dedicados e também são grandes mestres”. Levando em consideração essas afirmativas, é evidente que o professor é um espelho para os alunos, por isso sua atuação em sala de aula deve ser planejada, pois os comportamentos dos professores exercem tanta influência sobre a vida de seus alunos quanto os conteúdos a serem ministrados.

Dos entrevistados 21% admiram a forma de ensinar do professor, ou seja, a metodologia e a didática que utilizam em sala de aula. O cuidado com o planejamento e a execução das aulas é de suma importância para o bom desempenho estudantil. As ferramentas utilizadas não só no campo físico, mas também afetivo para alcançar os objetivos almejados quando associados, otimizam o processo de ensino-aprendizagem estreitando a relação professor-aluno.

“As formas como eles falam, sobre os assuntos, sobre como eles nos tratam”. (A₂₀).

“Que eles se esforçam muito para que os alunos não fiquem de recuperação no final do ano”. (A₂₃).

“Eu admiro sua capacidade de ensinar e de explicar”. (A₂₄).

“Todos os conhecimentos que eles têm sobre os assuntos que estamos estudando”. (A₂₇).

“Admiro a paciência e a forma de educar, mas em alguns professores essa admiração não se aplica, principalmente na forma de educar”. (A₆₇).

“A dedicação e a sabedoria em lidar com os alunos” (A₇₈).

Segundo Brust (2009, p. 30), o professor afetivo é aquele que desenvolve estratégias pedagógicas diferenciadas, dinâmicas criativas, ludicidade, demonstra prazer em ensinar, ou seja, instiga seus alunos a fazer parte das decisões e dos trabalhos da turma. O professor deve compreender as principais necessidades do aluno e incluindo-as no planejamento do ensino.

Para finalizar foi indagado aos alunos na questão 8. **O que você não gosta em seus professores?** No Gráfico 12 pode-se perceber que, 23% dos estudantes não têm nada a reclamar dos professores como afirmam o A₁₆, A₃₉ e A₆₄, pois segundo eles, os professores realizam seu trabalho da melhor forma possível, cada um com sua metodologia, portanto são ótimos profissionais, sendo que para alguns alunos são considerados os melhores professores do mundo.



Gráfico 12. O que você não gosta em seus professores?

As falas dos alunos repetem inúmeras vezes, estando relacionado principalmente com o estresse, a rigorosidade, a falta de didática ao ensinar o

conteúdo, a falta de atenção, paciência e o mau humor ressaltados nas falas dos alunos abaixo:

“O seu jeito de não conseguir explicar o conteúdo”. (A₂₄).

“Quando eles dão um puxão de orelha na turma”. (A₄₅).

“Quando eles estão estressados e quando brigam muito”. (A₅₁).

“Às vezes eles perdem a paciência e acabam punindo todos”. (A₅₈).

“Tem professor que é rigoroso demais e isso eu não admiro muito”. (A₆₉).

“Eu não gosto quando eles ficam muito irritados”. (A₇₄).

Quando todos esses fatores são mesclados, a sala de aula se torna um verdadeiro caos. O professor como mediador do processo de ensino-aprendizagem deve saber conduzir estes elementos para que amenize os danos no desenvolvimento do aluno. Dessa maneira, o professor deve entender que o aluno também é um ser que sofre com os problemas diários, ou seja, também se estressa, perde a paciência e tem uma forma singular de aprender. Os mesmos também possuem uma história de vida, ou seja, já tem uma bagagem emocional, que pode estar de tal modo defeituosa, e o professor juntamente com o aluno precisa traçar meios para reconstituí-la. Segundo Chalita (2004, p. 230) o grande pilar da educação é a habilidade emocional, sendo que não é possível desenvolver-se apenas cognitivamente. Utilizar a afetividade como instrumento pedagógico requer paciência, pois é algo que envolve a subjetividade humana.

O professor participa de um momento essencial na formação da personalidade dos alunos crianças que estão em desenvolvimento. Por isso, é importante que saiba quais as ferramentas pedagógicas utilizar para influenciar de maneira positiva no desenvolvimento dos alunos, encontrando equilíbrio para desenvolver os aspectos cognitivos e afetivos do ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste trabalho possibilitou-me compreender conceitos e teorias sobre a afetividade no processo de desenvolvimento humano, principalmente o modo como se constroem as relações emocionais antes mesmo do nascimento. Sabendo que é na infância que se constrói a base da identidade adotada na vida adulta é indispensável considerarmos que as emoções e os sentimentos compõem o homem são formados de um aspecto de extrema importância na vida psíquica do indivíduo, visto que o conjunto de emoções e sentimentos está presente em todas as manifestações de nossa vida.

É necessário considerar ainda a importância da instituição familiar para o afloramento deste aspecto singular humano. As relações familiares é a base para a constituição do cidadão pleno, pois é no seio familiar que os primeiros laços afetivos são constituídos. Portanto, é no lar que as pessoas devem sentir-se amadas e seguras, possibilitando um desenvolvimento saudável.

Por outro lado, o ambiente escolar deve ser estruturado especificamente para atender sua clientela. Os colaboradores das instituições de ensino devem estar preparados para a recepção dos alunos, visto que todos contribuem para o enriquecimento do saber. O professor em específico exerce demasiada influência neste processo, uma vez que pode em sala de aula utilizar o afeto como metodologia de ensino, estimulando seus alunos a dedicar-se nas tarefas escolares, além disso, pode estabelecer uma relação de amizade com os mesmos.

De acordo com os dados analisados no decorrer desta pesquisa foi possível notar que os professores acreditam que a afetividade é um valioso instrumento do processo de ensino-aprendizagem, pois ao estabelecer um vínculo emocional entre quem ensina e quem aprende, constituem um sentimento de confiança e respeito e isto auxilia na trajetória educacional.

A afetividade como ferramenta promotora do processo de ensino-aprendizagem segundo a visão dos professores, é reflexo de atitudes de reciprocidade, onde o professor dedica-se em ministrar boa aula e o motiva o aluno em realizar suas atividades. Desse modo, o professor e a escola têm o papel crucial de desenvolver as habilidades emocionais dos alunos principalmente quando o ambiente se mostra acolhedor, tanto no espaço físico quanto as pessoas que os envolvem. Por isso é através do diálogo que os alunos sabem de sua importância.

Elogiando as boas ações e as resoluções de atividades de aula também contribui para aproximação entre professor-aluno, ou seja, trabalha a autoestima. Ainda demonstrar interesse pelos alunos, conhecendo sua realidade é um dos requisitos básico para aproximar a família da escola.

De acordo com a pesquisa, notou-se que são inúmeros os desafios enfrentados na construção de um laço afetivo entre professor-aluno, dentre os quais listam-se, o estresse, mal humor, a impaciência, a falta de metodologia, a indisciplina, a bagunça em sala. Estes são elementos que afastam o professor e o aluno e tornam-se empecilhos para a constituição de um bom relacionamento entre ambos.

Apesar dos fatos acima mencionados, os alunos percebem um ambiente afetivo no cotidiano escolar quando sentem que seus professores se preocupam com seu bem-estar, admirando a dedicação, a inteligência e o esforço para lecionar, tendo em vista as condições do sistema educacional. Dessa forma, procuram sempre realizar suas atividades a fim de agradá-los, ou seja, os alunos também se importam com os sentimentos dos professores. Manter o clima favorável para o ensino e aprendizagem é tarefa mútua, que envolve o professor e o aluno.

Portanto, fica como proposta a ser desenvolvida pela instituição a fim de aprimorar o desenvolvimento afetivo, primeiramente o dever de reconhecer o aluno como o ponto central para ação dos colaboradores da escola, os quais devem ser tratados com respeito sendo resguardados seus direitos. É necessário que os profissionais da escola participem de cursos de formação continuada no que diz os aspectos das relações humanas, afim de melhorar o clima da escola, tratando com mais disposição e cordialidade as pessoas ao seu redor.

É de suma importância que a escola busque aprimorar ainda mais o projeto Família na Escola já em desenvolvimento, procurando realizar ações em horários que sejam compatíveis com a maioria dos pais e da comunidade, para facilitar a participação de familiares dos alunos que estão diretamente ligados ao cotidiano da escola. É importante enfatizar que tais ações não ocorram somente em datas comemorativas, mas que a escola se empenhe para aumentar a frequência dos pais na escola, com o intuito estreitar as relações afetivas e sociais com os agentes promotores da educação escolar.

No que tange ao professor, para sua prática ser mais afetiva é necessário que ele compreenda o aluno como ser único, por isso deve constantemente rever e

analisar suas práxis, para observar os pontos falhos de suas metodologias. E ainda deve estabelecer na sala um clima harmonioso e de confiança, onde o aluno não tenha medo de errar. É preciso que ele motive o aluno, incentivando seus pontos positivos e dialogando sobre os aspectos negativos, assim ajudará no desenvolvimento de sua autoestima.

A escola é uma das mais importantes instituições sociais, que contribui consideravelmente para o desenvolvimento físico, cognitivo, moral, social, afetivo do ser humano, uma vez que criança estará em contato com um maior número de pessoas, ampliando suas relações. Por esses e outros fatores que a escola deve proporcionar um ambiente acolhedor e propício para o processo de ensino-aprendizagem assim como no ambiente familiar.

Portanto, constatou-se que é preciso uma visão mais crítica acerca da afetividade, que a importância do tema para a educação está no fato de contribuir para o desenvolvimento intelectual e social, estimulando as crianças para aprender para a vida. Para tanto, é necessário que educadores sejam afetuosos e comprometidos com a educação.

BIBLIOGRAFIA

ABBUD, Gláucia de A. Cavalcanti; SANTOS, Tathiane Cecília E. S. A família na clínica fonoaudiológica e psicopedagógica: uma valiosa parceria. **Psicologia: Teoria e Prática**. São Paulo, 2002.

ALMEIDA, Sandra Francisca Conte de. O Lugar da Afetividade e do desejo na relação ensinar- aprender. **Temas em Psicologia**. Brasília: 1993.

ARAUJO, Ulisses F. A dimensão afetiva da psique humana e a educação em valores. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. - 4º Ed. São Paulo: Summus, 2003.

BARBOSA, Altemir José Gonçalves; CAMPOS, Renata Araújo; VALENTIM, Tássia Azevedo. A diversidade em sala de aula e a relação professor aluno. **Estudos de Psicologia**. Campinas - SP, 2011.

BIROLI, Flávia. **Família: novos conceitos**. Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2014.

BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Aria de L. Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 13º Ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

BRAMBATTI, Fabiana Fagundes. A importância da família na educação de seus filhos com dificuldades de aprendizagem escolar sob a ótica da psicopedagogia. **REI (Revista Educação do IDEAU)**, vol. 5 – nº10. Alto do Uruguai, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais introdução aos parâmetros curriculares nacionais** – Brasília : MEC/SEF, 1997.

BRUST, Josiane Regina. **A Influência da Afetividade no Processo de Aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina- Londrina, 2009.

CAPELATTO, Ivan. **Diálogos sobre a afetividade**. 6ª ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012.

CASTRO, Edileide. **Afetividade e limites: uma parceria entre família e escola**. 4. ed. Rio Janeiro: Wak Editora, 2012.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2004.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade - Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo: Editora Gente, 2008.

CORRÊA, Patrícia Rabello. **A dimensão afetiva do ser humano: contribuições a partir de Piaget**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de São Carlos: São Carlos, 2008.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e aprendizagem: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2012. 132p.

FARIA, Ana Paula; TORTELLA, Jussara Cristina. Afetividade e dificuldades de aprendizagem: compreendendo conceitos e sua inter-relação no dia a dia da sala de aula. **Cadernos da Pedagogia**. 8 v.8 n.16. São Carlos - SP, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Cláudia A. Valderramas. **O lugar do afetivo no desenvolvimento da criança: implicações educacionais**. Psicologias em Estudo, v. 18, n.3, Maringá, 2013.

IVIC, Ivan. **Lev Semionovich Vygotsky**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010.

LA TAILLE, Yves de. Desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Jean Piaget. In: LA TAILLE, Yves de [et al]. **Piaget, Vigotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 8ª edição, São Paulo: Summus, 1992.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em Psicologia**. Vol.20. Campinas - SP, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. – São Paulo: Cortez, 1994.

LUCCI, Marcos Antonio. **A proposta de Vygotsky: a psicologia sócio histórica**. Profesorado. Revista de currículo y formación del profesorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

MOLON, Karina Silva; SANTOS, Bettina Steren dos. **O papel do professor para o desenvolvimento afetivo-emocional do aluno**. III Mostra de Pesquisa da Pós-graduação PUC-RS, 2008.

MORENO, Montserrat; SASTRE, Genoveva; LEAL, Aurora; BUSQUETS, Maria Dolors. **Falemos de sentimentos: afetividade como um tema transversal**. Coord. Ulisses F. Araújo; Tradução Maria Cristina de Oliveira. – São Paulo: Moderna, 1999.

PACHECO, Josemary de Souza. **A afetividade na instituição escolar**. Monografia da Universidade Cândido Mendes. Recife. 2014.

PAULA, Sandra Regina de; FARIA, Moacir Alves de. Afetividade na Aprendizagem. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. Volume 1 – nº 1, 2010.

REGIANATTO, Raquel. A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem. **REI (Revista Educação do IDEAU)**, vol. 8 – nº 18. Alto do Uruguai, 2013.

REGO, Marta Khol de; OLIVEIRA, Teresa Cristina. As complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. - 4º Ed. São Paulo: Summus, 2003.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. A afetividade na relação educativa. **Estudos de Psicologia**. Campinas, 2010.

SARMENTO, Nara Regina Goulart. **Afetividade e aprendizagem**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2010.

SOUSA, Jacqueline Pereira de. **A importância da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança**. Inesc – Instituto de Estudos Superiores do Ceará. Fortaleza, 2012.

SOUZA, Maria Tereza Costa Coelho de. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. - 4º Ed. São Paulo: Summus, 2003.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol.27. n. 2 Brasília Apr./June. São Paulo, 2011.

VIEIRA, Adriana Silva; LOPES, Maristela Diniz. **A afetividade entre professor e aluno no processo de aprendizagem escolar na educação infantil e séries iniciais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UNISALESIANO. Lins- SP, 2010.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES (6º ao 9º ano)

FAI – FACULDADE DE ITAITUBA

MONOGRAFIA: AFETIVIDADE, APRENDIZAGEM E ENSINO.

ACADÊMICA: MÁRCIA DOS SANTOS MOREIRA.

Sujeitos da pesquisa

Graduação: _____

Pós-Graduação: _____

Tempo de experiência como professor (a): _____ anos.

1- Para você, a afetividade é fundamental durante o processo de ensino e aprendizagem?

() SIM

() NÃO

() EM PARTE

1.1- Então, você afirmaria que a falta de afetividade (ambiente escolar afetivo) e a ausência de valores interferem no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos?

2- Como você, professor, motiva seus alunos para resolverem as atividades propostas em sala?

3- Você concorda que a afetividade desperta a confiança do aluno para com o professor?

() SIM

() NÃO

() EM PARTE

Justifique.

4- Você concorda que a falta de afetividade em casa influencia nas relações afetivas na escola?

() SIM

() NÃO

() EM PARTE

Justifique.

5- Como a escola pode auxiliar no desenvolvimento afetivo do aluno?

() Por meio do diálogo.

() Trabalhando a autoestima.

() Tornando a escola mais acolhedora.

() Através da relação professor X aluno.

() Conhecendo a realidade de vida do aluno.

() Outro. _____

6- Em sua opinião, quais as características de um ambiente escolar afetivo?

7- De que maneira você costuma demonstrar a sua afetividade com seus alunos?

8- Como você classificaria sua relação com seus alunos?

() REGULAR

() BOA

() EXCELENTE

Justifique.

Agradecemos sua colaboração nesta pesquisa!

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS (6º ao 9º ano)

FAI – FACULDADE DE ITAITUBA

MONOGRAFIA: AFETIVIDADE, APRENDIZAGEM E ENSINO.

ACADÊMICA: MÁRCIA DOS SANTOS MOREIRA.

Identificação:

Idade: _____ Série/Ano: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

1- Você acredita que um ambiente escolar afetivo influencia em sua aprendizagem?

() SIM () NÃO () ÀS VEZES

Justifique.

2- Como você classifica o relacionamento com seus professores?

() EXCELENTE () BOM () REGULAR

3- Seus professores se mostram atenciosos e bem humorados no decorrer das aulas?

() SIM () NÃO () ÀS VEZES

Justifique.

4- Você procura fazer todas as atividades a fim de agradar seus professores?

() Sim, gosto de receber elogios deles.

() Não, pois não me importo em agradá-los.

() Às vezes, pois nem sempre tenho reconhecimento das atividades feitas.

5- Seu professor valoriza as suas atividades através de elogios?

() SIM () NÃO () ÀS VEZES

6- Você trata dos seus assuntos pessoais com seus professores?

() SIM

() NÃO

() ÀS VEZES

7- O que você mais admira em seus professores?

8- O que você não gosta em seus professores?

Agradecemos sua colaboração nesta pesquisa!